

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LUIZ GUSTAVO DAS CHAGAS

**O SURFE COMO TEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM
ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS/SC**

FLORIANÓPOLIS

LUIZ GUSTAVO DAS CHAGAS

**O SURFE COMO TEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM
ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS/SC**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro de Desportos
(CDS) da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC) como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em Educação
Física

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Pizani

FLORIANÓPOLIS

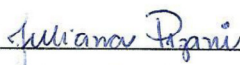
2017

LUIZ GUSTAVO DAS CHAGAS

**O SURFE COMO TEMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM
ESCOLAS PÚBLICAS DE FLORIANÓPOLIS/SC**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Centro de Desportos
(CDS) da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC) como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em Educação
Física

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Juliana Pizani

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ms. Vinicius Zeilmann Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Juliano Fernandes

Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças nas horas mais difíceis, para conseguir alcançar meus objetivos na vida, sem a benção d'Ele nada em minha vida teria acontecido.

Minha mãe Rita de Cássia que nunca mediu esforços para que eu alcançasse meus objetivos, meu pai Anirson Chagas (*in memoriam*), que além de ter sido meu professor na vida, até meus doze anos, tive a honra de tê-lo como professor na escola, sei que onde esteja, vai ficar muito feliz por me ver concluindo mais uma etapa importante da vida.

Aos meus familiares e amigos, que foram de grande importância em todas as horas dessa caminhada, pude contar com eles nos momentos de festa e alegria, e também nas horas mais difíceis que presenciei.

Agradeço aos professores Vinicius, Juliano e Vitor que se dispuseram a compor a banca deste trabalho.

Aos meus colegas de faculdade agradeço por toda parceria que tivemos dentro da nossa vida acadêmica, aos professores deixo aqui meus sinceros agradecimentos pelo belo trabalho que vocês exercem dentro dessa instituição, em especial agradeço a minha orientadora Juliana Pizani, que foi fundamental para que este trabalho acontecesse.

RESUMO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), são um documento desenvolvido pelo Ministério da Educação que apontam diretrizes para *orientar* os educadores através da normatização de fatores fundamentais concernentes a cada disciplina. Nesse estudo, em específico, aborda a Educação Física, apresentando o surfe como uma possibilidade de ensino para as escolas básicas de Florianópolis/SC. Assim, com base nesse entendimento, esse estudo apresenta como tema, o ensino do surfe nas escolas públicas de Florianópolis/SC, pois, esse esporte pode ser tratado no contexto escolar como prática pedagógica inovadora, uma vez que explora possibilidades para além dos muros escolares. Essa pesquisa pretende responder a seguinte questão problema: O surfe pode ser inserido como conhecimento a ser tratado na educação física escolar? Apresenta-se como objetivo geral desse estudo, analisar o surfe e sua relação com a educação física escolar, tendo como aporte o debate da produção de conhecimento na área e a viabilidade de acesso das escolas ao mar, com vistas à construção de uma realidade favorável para a inserção e trato desse esporte na educação básica em Florianópolis-SC. Justifica-se esse estudo, pois, trata-se de um esporte que pode ser estudado e praticado na Ilha de Santa Catarina, proporcionando satisfação ao executá-lo, além disso, é rentável para quem o pratica, tanto psicológica como financeiramente, e tem se tornado um esporte popular, que congrega amigos. Como disciplina, pode ser tratada de diferentes maneiras e frentes de estudo. De igual maneira, o desejo de transformação escolar, fez com que este acadêmico trouxesse o surfe como tema principal do seu estudo, acreditando que este conteúdo é relevante e justificável no trato educacional e pedagógico. Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva de característica qualitativa, a amostra do estudo constituiu-se de artigos publicados em periódicos nacionais da área da educação física, e por teses e dissertações produzidas a partir de 1980 nos programas de pós-graduação em educação física no Brasil, em que foi possível observar a existência de pouca produção científica sobre o ensino de surfe nas escolas. Ao final desse estudo, indicamos a viabilidade de se ensinar esse esporte nas escolas públicas de Florianópolis/SC por meio de uma proposta de inserção do surfe nos diferentes ciclos da educação básica.

Palavras-chave: Educação básica. Educação Física escolar. Florianópolis. Surfe.

ABSTRACT

The National Curricular Parameters is a document developed by the Ministry of Education that point out guidelines to guide educators through the normatization of fundamental factors concerning each discipline. In this study, in particular, it addresses Physical Education, presenting surf as a teaching possibility for the basic schools of Florianópolis / SC. Thus, based on this understanding, this study presents the theme of surf in public schools in Florianópolis / SC, because this sport can be treated in the school context as an innovative pedagogical practice, since it explores possibilities beyond school walls. This research intends to answer the following problem question: Can surf be inserted as knowledge to be treated in school physical education? The objective of this study is to analyze surfing and its relationship with school physical education, with the contribution of the debate on the production of knowledge in the area and the feasibility of access of schools to the sea, with a view to building a favorable reality for the insertion and treatment of this sport in basic education in Florianópolis-SC. This study is justified because it is a sport that can be studied and practiced in the Island of Santa Catarina, providing satisfaction in the execution of it, moreover, it is profitable for those who practice it, both psychologically and financially, and it has become a popular sport that gather friends. As a discipline, it can be treated in different ways and fronts of study. Likewise, the desire for scholastic transformation has led this scholar to bring surf as the main theme of his study, believing that this content is relevant and justifiable in the educational and pedagogical tract. This is a descriptive type of qualitative research, the study sample consisted of articles published in national journals in the area of physical education, and theses and dissertations produced since 1980 in the postgraduate programs in Physical Education in Brazil, where it was possible to observe the existence of little scientific production on the teaching of surf in schools. At the end of this study, we indicate the feasibility of teaching this sport in the public schools of Florianópolis / SC by means of a proposal of insertion of the surf in the different cycles of basic education.

Keywords: Basic education. Florianópolis. Surf.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos artigos por periódicos, considerando seus estratos de avaliação no Capes <i>WebQualis</i>	42
Quadro 2: Síntese das dissertações sobre surfe.....	44
Quadro 3: Síntese dos artigos sobre surfe.....	45
Quadro 4: Categorização dos artigos, teses e dissertações selecionados.	49
Quadro 5: Relação de escolas municipais próximas ao mar.....	56
Quadro 6: Relação de escolas estaduais próximas ao mar.	56
Quadro 7: Síntese do quantitativo de escolas.	57
Quadro 8: Proposta para inserção e trato do surfe na educação física escolar.	62
Quadro 9: Proposta para inserção e trato do surfe no 1º e 2º ciclo.....	65
Quadro 10: Proposta para inserção e trato do surfe no 3º ciclo.....	67
Quadro 11: Proposta para inserção e trato do surfe no 4º ciclo.....	68
Quadro 12: Proposta para inserção e trato do surfe no ensino médio.	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quantificação do fluxo e do volume da produção de conhecimento de artigos e dissertações sobre surfe.....	41
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	11
1.1.1 Justificativa científica.....	11
1.1.2 Justificativa pessoal.....	12
1.2 Objetivos	13
1.2.1 Objetivo geral	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	13
1.3 Questões norteadoras	14
2 REVISÃO TEÓRICA	15
2.1 História do surfe	15
2.1.1 No mundo.....	15
2.1.2. No Brasil.....	18
2.1.3 Em Florianópolis.....	20
2.2 Interação: surfista e natureza	22
2.2.1 Precauções com o mar.....	24
2.3 Aprendizagem dos movimentos – manobras e equipamentos	28
2.4. O ensino do surfe nas aulas de educação física escolar	30
3 METODOLOGIA	36
3.1 Caracterização da pesquisa	36
3.2 Seleção dos estudos analisados	36
3.3 Tratamento dos dados	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
4.1 A produção de conhecimento sobre surfe na área da Educação Física	41
4.2. Os saberes do surfe na formação inicial em educação física	53
4.3 Mapeamento das escolas de Florianópolis propícias para a inserção do surfe nas aulas de educação física	55
4.4 Uma proposta para inserção do surfe nas aulas de educação Física em escolas de educação básica de Florianópolis	58
4.5 Possíveis limitações e alternativas para a inserção do surfe na educação física escolar	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
6 REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, um dos desdobramentos nos estudos do lazer se refere à análise do fenômeno dos esportes que podem ser praticados na natureza. Quando tratamos do contexto escolar, podemos elencar diferentes espaços a serem aproveitados para explorações de diversas práticas corporais que podem contribuir para o enriquecimento corporal dos alunos. Na contramão desse indicativo, de maneira geral, o que prevalece nas escolas é a organização de situações em que o aluno representa um papel passivo, sendo mantidos em sala de aula no formato tradicional ou a quadra poliesportiva.

Nesse sentido, salientamos a importância de se criar, no interior dos espaços educacionais práticas pedagógicas inovadoras, as quais parecem não obedecer lógicas lineares, motivadas por diferentes razões, tais como, a busca de atividades mais prazerosas aos alunos.

Sendo assim, apontamos o surfe como um conhecimento que pode ser tratado no contexto escolar como uma prática pedagógica inovadora, haja vista que explora possibilidades para além dos muros da escola, especialmente ao nos referimos às escolas localizadas no litoral, em que aproximamos o conhecimento supracitado à realidade concreta e social em que o aluno está inserido¹.

Assim podem ser concebidos novos modos de ensino e aprendizagem, o que supõem uma nova atitude por parte dos professores, dos alunos e de toda a equipe escolar. Trazer modificações para a escola e transformar o ensino se faz necessário para que exista envolvimento direto de todos os participantes da comunidade escolar. As propostas devem ser construídas a partir de novos paradigmas que transformem as ideias em ações concretas, e essas ações em projetos sociais significativos, sendo então possível trazer o surfe, adequando-o a realidade onde a escola estiver situada.

Com base no exposto, esse estudo tem sua justificativa pautada no fato de que o surfe trata-se de um esporte que apresenta trato educacional e

¹Vale o destaque que, o trato desse saber no contexto prático, exige que a geolocalização da escola possibilite o acesso ao mar, o que não impede que o surfe seja apresentado, discutido, analisado tomando como base outros processos de ensino-aprendizagem para além de aulas práticas.

pedagógico, além de ser um esporte pouco ensinado/estudado. Apontamos isso baseado na carência de pesquisas que abordam o surfe associado à escola. Podemos elencar pesquisas que tratam do surfe em outros contextos, como: ações pedagógicas para a intervenção dos treinadores de surfe BRASIL (et al. 2015); o surfe e a moderna tradição brasileira (DIAS, 2009); análise da produção científica sobre surfe (BRASIL; RAMOS; GODA 2013); comportamento da frequência cardíaca durante sessão de surfe (GARCIA; VAGHETTI; PEYRÉ-TARTARUGA, 2008); consumo máximo de oxigênio em surfistas brasileiros profissionais (NAVARRO; DANUCALOV; ORNELLAS, 2010); cultura do surfe (ALVES; MELO, 2013). Estas pesquisas têm tratado do surfe com diferentes objetivos, porém nenhum ligado diretamente à educação física escolar.

Com o crescimento e popularização desse esporte, pretende-se com esse estudo caracterizar a riqueza cultural dessa prática, e, apresentar apontamentos sobre como ela pode ser tratada pedagogicamente como conteúdo da educação física, principalmente nas escolas de Florianópolis, Santa Catarina.

Isso porque, o surfe tem se tornado nos últimos anos um dos esportes mais praticados no mundo. A popularização no Brasil e sua institucionalização, como prática competitiva, tem o transformado em um campo importante para a pesquisa e intervenção pedagógica do profissional de Educação Física (BRASIL; RAMOS; GODA, 2013). Dessa forma, com esta pesquisa buscamos obter respostas para a inserção do surfe como conhecimento a ser tratado nas aulas de educação física escolar, uma vez que acenamos para as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do surfe nesse contexto, tendo como principal problemática a geolocalização das escolas distantes da praia. Com base nesse entendimento, questiona-se: Como o surfe pode ser inserido como conhecimento a ser tratado na educação física escolar?

A lacuna da presente pesquisa centra-se no fato da não existência de planejamentos para inserção do surfe nas escolas de Florianópolis. Observamos iniciativas em outras localidades como em Matinhos-PR (TREVISAN, 2014 e GIRALDI-COSTA; MURATA e ALMEIDA, 2013) e em Fortaleza-CE (ROCHA, 2017) que buscaram trabalhar o surfe dentro do

contexto escolar. Com isso observamos uma carência de pesquisas que tratem do surfe associado à escola, o que emprega o presente estudo originalidade.

Dessa forma, com esse estudo esperamos contribuir com a construção de uma realidade favorável para a presença do surfe na educação física escolar, fornecendo dados para a construção de planejamentos curriculares mais sólidos e contínuos. Além do mais, pretendemos promover a reflexão sobre as ações pertinentes ao surfe, a fim de ampliar as possibilidades de intervenção na escola.

Para tanto, esta pesquisa foi organizada da seguinte forma: Capítulo 1: Revisão teórica – aborda historicamente o surfe no mundo, no Brasil e em Florianópolis; interação dos praticantes de surfe com a natureza; precauções com o mar; aprendizagem técnica dos movimentos e vestuários; e a importância da educação física e o ensino do surfe na escola; Capítulo 2: Metodologia – nesse capítulo traçamos os caminhos metodológicos adotados; Capítulo 3: Resultados e discussão - apresentamos os resultados obtidos a partir da análise: das teses, dissertações e artigos que têm o surfe como objeto central da pesquisa; dos projetos pedagógicos de universidades públicas de Florianópolis. Também mapeamos as escolas públicas com proximidades a praia/baía e elaboramos uma proposta para inserção do surfe no âmbito escolar.

1.1 Justificativa

1.1.1 Justificativa científica

Uma ilha com dezenas de praias e banhada por mar por todos os cantos, Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina, sendo considerado um ponto turístico conhecimento nacional e internacionalmente.

De acordo com Port (2014), a geografia da ilha permite a formação de bancos de areia, comumente seguros por costões ou pequenas ilhas ao longo da costa, tornando-a propícia para a prática do surfe.

Grande parte da população nativa convive desde muito cedo com o mar, tanto no trabalho quanto no lazer. No lazer, os esportes aquáticos, são de

certa forma, vistos com certa intimidade pela sua população, muitas pessoas já praticaram, de determinada forma, algum tipo de esportes em águas marítimas.

Por este convívio próximo a praia, é possível encontrar muitos admiradores e também praticantes do surfe, sendo um esporte que se pode praticar em conjunto com amigos e familiares.

Indicamos que, de forma geral, as crianças têm seu primeiro contato com o surfe fora escola, pois, ainda não é um conhecimento observado como constituinte dos currículos escolares e mais especificamente da educação física escolar.

Não se tem estudos que definam o motivo dessa falta de interesse pelo esporte nas instituições. Apesar de que, pode esse assunto ser tratado nas instituições escolares, tanto como objeto da prática de esportes, como em outras disciplinas simultâneas, geografia, física entre outras.

Esse esporte vem se popularizando e o Brasil já possui alguns campeões mundiais, como o jovem Gabriel Medina e Adriano de Souza, este último residente na capital catarinense. São realizados no litoral catarinense, em especial Florianópolis, como em outros cantos do litoral brasileiro, inúmeros eventos de surfe, sendo esse esporte muito praticado, por vezes, ganhando mais espaço até que o futebol.

Em 2016, ano que o Brasil sediou os Jogos Olímpicos, o surfe entrou para o quadro de esportes participantes dos Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio.

Justifica-se, com base no exposto, a importância desse assunto, pois, trata-se de um esporte que pode ser estudado e praticado na Ilha de Santa Catarina, proporciona satisfação ao fazê-lo, além disso, é rentável para quem o pratica, tanto psicológica como financeiramente, e tem se tornado cada vez mais um dos esportes mais populares, que congrega amigos. Como disciplina, pode ser tratada de diferentes maneiras e frentes de estudo.

1.1.2 Justificativa pessoal

Quanto a justificativa pessoal para a execução desse estudo, o acadêmico, nativo da ilha de Florianópolis, teve contato com o mar desde a primeira idade, com brincadeiras, práticas esportivas e momentos de lazer.

Porém o contato com o mar ocorreu fora do âmbito escolar, e após ingressar no curso de licenciatura em educação física, questionamentos foram surgindo sobre os motivos do mar não se fazer presente nos conhecimentos ofertados na educação básica, uma vez que há o entendimento de que se constitui como um espaço que possibilita uma diversidade de exploração de práticas corporais, especialmente por Florianópolis estar imersa numa forte cultura relacionada à praia.

Desta forma, o desejo de transformação escolar, fez com que reflexões acerca da presença do surfe nas escolas, bem como o desejo deste ser tratado na formação em educação física, fez com o surfe fosse escolhido como tema principal da presente pesquisa. É importante destacar que se trata de um conteúdo relevante e justificável no trato educacional e pedagógico no âmbito escolar, com o conteúdo que pode ser apresentado, a tradição praieira da cidade e a geolocalização de Florianópolis. Ao fazer referência à formação inicial, a defesa de seu desenvolvimento nesse contexto está alicerçada na preparação de professores em relação a este conhecimento, para que a realidade da educação física escolar possa ser modificada de forma satisfatória de acordo com os preceitos educacionais.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Analisar a possibilidade de inserção do surfe como conteúdo da educação física escolar na educação básica em Florianópolis (SC), tendo como aporte o debate acerca da produção de conhecimento na área e a viabilidade de acesso das escolas ao mar.

1.2.2 Objetivos específicos

- Analisar a produção de conhecimento por meio de artigos, teses e dissertações sobre formação inicial e currículo em educação física, com vistas à categorização do que vem sendo produzido sobre surfe;

- Verificar a presença do surfe como conhecimento nos currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física nas universidades públicas de Florianópolis;
- Mapear as escolas públicas da cidade de Florianópolis localizadas próximas à praia ou baía que apresentam condições para a prática do surfe;
- Elaborar uma proposta sobre os conteúdos do surfe que podem ser desenvolvidos na educação física escolar.

1.3 Questões norteadoras

Os cursos de licenciatura em educação física na cidade de Florianópolis-SC têm contribuído para a formação de professores sobre o surfe como conhecimento da educação física escolar?

As escolas apresentam viabilidade de acesso ao mar para a vivência/trato do surfe como conhecimento da educação física escolar na cidade de Florianópolis-SC?

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 História do surfe

Originariamente, a expressão surfe, denomina a ressaca do mar. No âmbito dos pescadores, nativos litorâneos ou insulares, caracteriza-se como correr ou descer uma onda (NUNES JUNIOR; SHIGUNOV, 2016).

De acordo com Zeni (2002), o surfe é considerado uma das modalidades esportivas que mais apresentou crescimento nos últimos anos. Observa-se esse fato pelo significativo aumento do número de praticantes e as proporções alcançadas pelo seu mercado em nível mundial.

A imagem do surfe também mudou, não sendo mais aquela retratada no passado, quando os surfistas eram vistos como irresponsáveis e desocupados. Na atualidade, Zeni (2002) destaca que, com a evolução do esporte existe um grande número de pessoas que vivem do surfe e protagonizam um estilo de vida saudável e profissional.

Desde sua criação pelos polinésios, seu desenvolvimento junto aos povos havaianos e sua introdução nas sociedades ocidentais, o surfe sucessivamente apresentou uma estreita relação com o bom condicionamento físico (ZENI, 2002).

Para melhor entendimento dessa prática, apresenta-se a seguir um breve histórico desse esporte, seja no mundo, no Brasil e em Florianópolis/SC.

2.1.1 No mundo

Não é possível datar exatamente como o culto do surfe surgiu. É possível que ao se perceber da capacidade inerente das ondas para impelir ou se opor às embarcações, tenham tido certa noção dessa possibilidade. A resposta pode estar presente no DNA dos habitantes costeiros da África Ocidental ou do Peru, onde os dois maiores poderes naturais eram constituídos pelo arco-íris e pelas ondas (KAMPION e BROWN, 1998).

Zeni (2002) apresenta estudo de Finney e Houston (1996), que destacam o fato de não se ter noção exata de como tudo teve início, a possibilidade mais remota é que tenha sido aproximadamente dois mil anos

antes de Cristo, quando os ancestrais dos polinésios e outros habitantes do Pacífico começaram se mover para explorar e colonizar esta região. No entanto, não é possível saber quem primeiramente idealizou a ideia de domar as constantes ondulações que faziam parte do cotidiano dessas ilhas. O ato de surfar uma onda era considerado uma atividade recreacional que possivelmente fazia parte da adaptação desses pioneiros para adentrar o Oceano Pacífico.

De acordo com Lorch (1980), o surfe é praticado desde 900 antes de Cristo, quando o rei Moikeha, do Taiti, resolveu velejar até o Havaí para surfar. Além de encontrar ondas perfeitas, o rei foi presenteado ao receber da monarquia local a oportunidade de casar-se com duas princesas havaianas.

Alguns indícios apontam há 1.500 anos como sendo o período em que os Polinésios desciam as ondas com pranchas de surfe de madeira. Tratava-se de um ritual festivo em que os chefes agradeciam aos deuses a fartura do mar e os prazeres de brincar nas suas águas. De acordo com o observado, existe uma variedade de informações, cada uma apresentando algum ritual de algum povo, porém, o que se sabe é que o surgimento do surfe se deu no Pacífico Sul e no início servia exclusivamente para diversão (FARIAS, 2000).

Conforme apresentam Kampion e Brown (1998), ao regressar à terra firme, depois de algumas horas ou dias trabalhando no mar, descobriu-se ser mais emocionante e desafiador descer as ondas de pé sobre o casco das embarcações. Navegando pelos padrões que os ventos, a terra e as correntes criavam na água e seguindo o caminho das estrelas e do coração, os aventureiros polinésios cruzaram o Equador.

Esses navegadores vieram do Sul, remando suas grandes canoas de viagem, embarcações de casco duplo equipadas com velas de folhas de pândano tecidas. Sem saber ao certo para onde iam ou o que iriam encontrar, atravessavam lentamente o Oceano Pacífico. Chegaram às ilhas mais remotas da terra pelo arquipélago havaiano, encontrando formações rochosas, tempestades e furacões de Kona (Konawind = vento que sopra no Havaí), produzindo um inconsciente coletivo fundamental para o desenvolvimento de uma grande mitologia cultural.

Esses exploradores, no Havaí, deram origem a uma nova civilização, adaptando a mitologia e o modo de vida das ilhas à sua cultura,

nomeadamente as brincadeiras com as ondas do oceano. Quando fosse possível um bom surfe, as tarefas cotidianas eram deixadas de lado.

Já na segunda metade do século XVIII, os primeiros havaianos continuavam a ser peritos do surfe. A força dessas antigas raízes polinésias continua a ser a fonte de vida na cultura moderna do surfe. Infelizmente, as poucas relíquias que se encontram, são de 200 anos e escassamente revelam o que se passou antes da frota de dois navios do Capitão James Cook, *Resolution e Discovery*, avistarem as ilhas em 1778 (KAMPION e BROWN, 1998).

De acordo com os autores supracitados, a chegada do homem branco trouxe muitas novidades às ilhas: metais, armas, uniformes e uma nova religião, levando o Havaí a um século de desintegração cultural, que termina com a antiga cultura do surfe. No entanto, mesmo anos depois da chegada do homem branco, muitos surfistas ainda resistiam à colonização branca, mantendo o surfe como prática e atividade cultural.

Em 1890, nasceu Duke Kahanamo kuque se transformou num esportista, ganhando duas medalhas de ouro olímpicas (1912 e 1920) e batendo o recorde mundial dos 100 metros livres em 1914, com 53,8 segundos. Após as Olimpíadas de Estocolmo, na Suécia, foi tratado como um rei ao viajar pela Europa e Estados Unidos. Em 1914, foi convidado pela Associação de Natação de Nova Gales do Sul para ir à Austrália. Entre as participações em demonstrações e competições de natação, em 23 de dezembro o havaiano fez uma exibição de surfe para as multidões de Freshwater, perto de Sidney.

Dessa maneira, surgia o surfe na América, Europa e Oceania, e, Duke torna-se o símbolo universal desse esporte e do espírito *aloha* (alo = experiência, há = sopro da vida), sendo lembrado como o pai do surfe moderno (ZENI, 2002).

Kampion e Brown (1998) relatam ainda que na primeira metade do século XX, o surfe realiza um movimento contrário ao que estava prognosticado no final do século XIX, e, a partir de sua reestruturação nas praias havaianas, migra para os Estados Unidos e Austrália. Os primeiros surfistas dos Estados Unidos foram três jovens da realeza havaiana que, enviados para as universidades americanas em 1885, preenchem as horas vagas dos estudos para surfar na foz de um rio da Califórnia.

O surgimento da indústria do surfe se deu na cena californiana dos anos 50 do século XX. Isso ocorreu em parte graças ao desenvolvimento econômico e tecnológico das duas guerras do século XX que acabaram proporcionando aos jovens surfistas americanos, se dedicar à construção de pranchas, um considerável desenvolvimento no design e na diminuição do peso desses artefatos. Observa-se nessa perspectiva que junto à história social do surfe existe a história tecnológica das pranchas, pois esse instrumento caracteriza o surfista, e por vezes anuncia materialmente as representações e experimentações mentais dos surfistas reestruturando o desporto sob novas bases (RIBEIRO, 2003).

2.1.2. No Brasil

De uma forma geral, a história do surfe no Brasil, surgimento e popularização, se deram de maneira distinta.

Entre 1934 e 1936, o santista Thomas Rittscher afirma ser o primeiro surfista brasileiro, de acordo com Sarli (2001) dizia-se à época que as pessoas se reuniam e diziam "olha o homem andando em cima da onda".

Gutemberg (1989) relata que em 1938 o também santista, Osmar Gonçalves, ganhou de seu pai uma revista científica norte-americana, que entre outros assuntos, ensinava como construir uma prancha de surfe de madeira. Depois de três meses, no verão de 1939, estava pronta a primeira prancha de surfe brasileira. Osmar e seu amigo Juá foram durante muito tempo os únicos surfistas no país, desfrutando o prazer de deslizar em pé sobre as ondas da Praia do Gonzaga, em Santos.

Devido à falta de conhecimento generalizado em relação à atividade, nenhuma outra prancha fora construída, limitando o surfe nacional aos amigos santistas. O outro momento de destaque do surfe brasileiro se dá na década de 1950. Com o incremento dos voos internacionais para o Brasil, em especial para o Rio de Janeiro, os estrangeiros puderam descobrir todas as maravilhas do litoral brasileiro.

Vindos principalmente dos Estados Unidos, onde o surfe já se desenvolvia fazia meio século, os pilotos aproveitavam o período de folga para descansar e se divertir, e encontraram nessa modalidade uma ótima opção.

Contagiados pela nova mania que invadia as praias, em pouco tempo os cariocas que viajavam para o exterior começaram a trazer algumas pranchas, com a finalidade de também desfrutar do prazer proporcionado pelo surfe.

Dias (2007) relata que na década de 1950 o surfe começa a ter grande expressão com um grupo de cariocas, liderado por Paulo Preguiça, Jorge Paulo Lehman e Irency Beltrão, que principiaram na descida das ondas em Copacabana, em cima de compensados navais, também denominados de “portas de igreja” (um retângulo de madeira pesado, com aproximadamente dois metros de extensão e com bico quadrado).

Em sua pesquisa, Zeni (2002) relata que os surfistas costumavam se encontrar no principal reduto “hippie” carioca, a praia de Copacabana. Nos anos 1960, migraram para o Arpoador, buscando isolar-se, tanto do início da construção do aterro de Copacabana, que serviria para a construção de um emissário submarino, que acabou com as ondas e também em decorrência do início da Ditadura Militar, que reprimia todo e qualquer indivíduo que fosse contra seus argumentos, e, os surfistas, eram considerados vagabundos irresponsáveis pelas autoridades da época.

No entanto, a partir da superação desses obstáculos e o surfe sendo trazido também para o sul do país, o esporte apresentou um ritmo acelerado de crescimento, originando as primeiras indústrias e competições nacionais durante a década de 1970. Porém, o grande desenvolvimento do esporte, se deu em meados dos anos 1980, com o apoio da mídia e a mudança da imagem do surfe, sendo considerado esporte pela sociedade, que passou a encará-la como uma atividade séria e profissional (GUTEMBERG, 1989).

Araña e Árias (1996), destacam que foi a partir da década de 1960, com as exposições do australiano Peter Troy no Brasil, que a prática ganhou mais eficiência. Os brasileiros assimilaram as técnicas, aproveitando melhor das ondas, impulso, e as formas de fabricação de pranchas com fibra de vidro também melhoraram.

O Brasil é na atualidade, a terceira maior potência do surfe mundial, junto com os Estados Unidos e a Austrália. Em termos de competições, há campeonatos e atletas de alto nível, em diversas categorias, tanto amadoras quanto profissionais, seja masculina como também na feminina. Igualmente em nível de educação, se tem diversas escolas de surfe espalhadas pela costa

brasileira. Além disso, muitos colégios e faculdades ensinam o surfe nas aulas de educação física, sem contar o Circuito Universitário, que reúne mais de dois mil jovens estudantes nas praias de todo o Brasil (ZENI, 2002).

2.1.3 Em Florianópolis

Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina, composta pela ilha principal, a ilha de Santa Catarina, a parte continental e algumas pequenas ilhas circundantes, além de 42 praias (WIKIPÉDIA, 2017).

Os pioneiros do surfe no sul do Brasil, de acordo com Gutemberg (1989) foram duas famílias de gaúchos que, depois de terem visto reportagens sobre o esporte em revistas americanas, por volta de 1965, viajaram e conheceram o surfe. Os gaúchos Johanpeter e Sefton são, possivelmente, os primeiros surfistas do sul do país com características típicas, tais como: “pegar onda”, praia todo final de semana e férias, viagens à procura de novos picos, vida nômade.

Há poucos registros sobre o início do surfe em Florianópolis, porém, durante os anos 1970, se percebia o início dessa prática nas praias de Florianópolis. Eram surfistas entusiastas com o fato de deslizarem sobre as ondas.

Essa primeira geração de desportistas é considerada amadora, praticavam apenas pelo prazer que o esporte lhes oferecia. No início, eles não entendiam bem qual era a verdadeira forma de surfar, apenas curtiam o momento de deslizar sobre a espuma. Porém, a dificuldade em adquirir novos equipamentos fomentou o intercâmbio entre os surfistas, que se deslocavam entre suas cidades de origem à procura de novidades.

O Rio de Janeiro era considerado o grande polo do surfe, assim sendo, era de lá que se traziam as primeiras pranchas, em contrapartida, os surfistas florianopolitanos realizavam para lá suas expedições com a finalidade de aprimorar seus conhecimentos sobre o esporte.

No ano de 1974 chegava a Florianópolis o surfista carioca Fernando Moniz, popularmente conhecido como Marreco, responsável por impulsionar o surfe moderno na Ilha de Santa Catarina.

Foi Marreco quem trouxe algumas das personalidades marcantes do surfe do Rio de Janeiro como os irmãos Miudinhos. O estilo de surfar era considerado diferenciado para a época, com pranchas de *shape* diferente. Alguns surfistas ilhéus chegaram até a encomendar pranchas com eles (BERNARDO, 1997).

Em 1976, foi realizado o primeiro campeonato de surfe na praia da Joaquina, chamado de Rock, Surf & Brotos, que projetou os surfistas Tarcísio Sheffer, na categoria júnior, e Caxito Douat, na categoria principal.

Dessa forma, o profissionalismo que se iniciava em Florianópolis, começou a surgir em conjunto com a segunda geração de surfistas, marcada por nomes como Bita Pereira, Roberto Lima, dentre outros.

Com o crescimento considerável de adeptos, o carioca Hupsel passou a confeccionar e vender pranchas na Ilha, embora a qualidade desta prancha ainda não fosse de primeira linha em comparação às *Piusurfboards*. Estas últimas, confeccionadas pelo carioca Paulinho Guinle, considerada a grande sensação da época. A comunidade “surfística” de Florianópolis, costumava-se reunir na *Piusurfboards*, na Barra da Lagoa, onde Paulinho, além de aproveitar para vender suas pranchas, divulgava as últimas novidades no surfe.

A Associação Catarinense de Surf (ACS) foi fundada em 1980 com a realização do Circuito Catarinense, totalizando quatro etapas. Em 1987 passou a ser reconhecida como FECASURF (Federação Catarinense de Surfe). Outra entidade que influenciou na realização de campeonatos foi a Master Promoções, criada por Flávio Boabaid e Roberto Perdigão (BERNARDO, 1997).

Na atualidade, Florianópolis, é reconhecida como um dos melhores *breakpoints* do mundo para a prática do esporte. Praias como a Joaquina e a Mole já sediaram as principais etapas do circuito mundial de surfe, o WCT - *World Championship Tour* e o WQS- *World Qualifying Series*, trazendo milhares de pessoas para as praias e movimentando uma indústria de milhões de reais (STOTZ, 2010).

2.2 Interação: surfista e natureza

O surfe é um esporte que promove grande interação do homem com a natureza. Pois, o praticante costuma ficar muito tempo em contato com o mar ou na praia à espera da onda perfeita.

Pelegrini (2016) acrescenta a importância desse esporte para a sustentabilidade, por meio da participação de associações de surfe em movimentos sócio ambientais, gestão ambiental de campeonatos e outros eventos ligados ao esporte, pranchas de surfe fabricadas com menor impacto ambiental, restrições à prática do surfe em áreas protegidas por legislação ambiental, entidades ambientalistas sem fins-lucrativos formadas ou apoiadas por surfistas, manifestações contra a expansão imobiliária em praias tradicionais no cenário do surfe brasileiro e internacional, campanhas publicitárias na indústria do surfe que exploram o marketing ambiental, entre outros assuntos.

São muitas as experiências bem-sucedidas em termos de preservação ambiental do universo do surfe, que precisam ser divulgadas, para que causem efeito multiplicador e sirvam como motivação para novas iniciativas (PELLEGRINI, 2016). Assim sendo, a prática desse esporte pode servir como meio de se criar uma cultura de preservação entre os jovens estudantes, que podem aprender a cuidar do meio onde vivem.

Há ainda os benefícios para o corpo, os músculos, o condicionamento físico e, nomeadamente, para a mente. O site Vivo Mais Saudável diz que, o surfe, por apresentar perfeita integração à natureza, é considerado um esporte único, que conta com praticantes apaixonados. Esse entusiasmo é sustentado, pois os benefícios são inúmeros que incluem melhorias no equilíbrio - físico e mental - e aperfeiçoamento da coordenação motora (VIVO MAIS, 2016).

De acordo com levantamento efetuado pelo *Surfer's Gym* (2016), os benefícios do surfe para o corpo (e alma) são inegáveis e bastante relevantes. Dentre esses, cinco são considerados os principais, a saber:

1º CONTATO COM A NATUREZA: [...] defensores dos esportes ao ar livre e no caso do surfe criamos uma conexão com o mar e com a natureza de forma geral que só quem é surfista consegue entender. É como um amor incondicional que traz um enorme bem estar (que fisiologicamente também pode ser explicada pela liberação de hormônios como a endorfina)

2º CONDICIONAMENTO FÍSICO: Quem surfa sabe que a prática do esporte é uma ótima atividade para ganhar condicionamento. Você precisa remar, levantar, furar ondas e efetivamente surfar nas ondas o que leva surfistas a ganharem um ótimo financiamento

3º AUMENTO DA CAPACIDADE RESPIRATÓRIA: O surf é um esporte aquático e como qualquer esporte na água traz um aumento significativo da capacidade respiratória para seus praticantes. Assim como a natação, o surf é um esporte muito importante quando falamos sobre aumento da capacidade respiratória.

4º GANHO DE FORÇA, VELOCIDADE E POTÊNCIA: O surf é um esporte que exige muita força, potência e velocidade dos seus praticantes. Pense, para entrar na onda o surfista precisa de potência e explosão, para furar as ondas e executar as manobras os surfistas precisam ter bastante força (principalmente nos membros superiores) e a velocidade, tanto física quanto de raciocínio é fundamental para que o surfista consiga executar manobras ou mesmo decidir o que exatamente fazer nas ondas.

5º QUALIDADE DE VIDA DO SURFISTA: Aos poucos, os surfistas que são praticantes assíduos passam a mover grande parte da sua vida em torno das ondas e do oceano. [...] isso têm um impacto positivo imensurável na qualidade de vida dos praticantes e suas famílias, afinal quando você é surfista você acaba conhecendo pessoas e lugares incríveis que honestamente você provavelmente não visitaria caso não fosse surfista (SURFER'S GYM, 2016).

Apesar de ser uma atividade de baixo impacto, pois se pratica completamente na água, exige habilidades físicas que ocasionam benefícios à saúde dos seus praticantes. O primeiro deles refere-se com o equilíbrio, manter-se equilibrado. A obrigação de permanecer em cima da prancha força o surfista a aprimorar o equilíbrio, o que estabelece conhecimento do próprio corpo e harmonia da mente com os movimentos, refletindo na forma como leva a vida fora da água, inclusive no aspecto emocional (VIVO MAIS, 2016).

Pode ainda ser visto como um bom exercício cardiorrespiratório e cardiovascular, pois a exemplo da natação, desenvolver quase todos os grupos musculares do corpo, por completo. No instante em que tem de superar a rebentação para chegar ao alto-mar, o surfista trabalha, sobretudo os braços, costas e ombros. Quando em pé, existe o esforço dos membros inferiores e do abdômen, embora, nesse caso, a técnica e o equilíbrio sejam muito mais exigidos do que a força propriamente dita.

Todo esse esforço representa em melhora significativa da coordenação motora, essencial para aliar o equilíbrio na prancha à harmonia exata de

movimentos para pegar a onda. De igual forma, a queima calórica durante a atividade é outro ponto considerável, motivo pelo qual o esporte ainda é indicado para quem busca perder peso (VIVO MAIS, 2016).

Destaque-se ainda a interação homem x natureza, motivo pelo qual o esporte é considerado apaixonante e com capacidade de diminuir o stress. Conhecer diferentes praias, explorar novos relevos, climas e culturas diferentes faz parte dos mistérios que envolve o esporte. Pois, é inevitável o conhecimento sobre ondulações, ventos, correntes e marés (VIVO MAIS, 2016).

De acordo com Zeni (2002), todas as atividades em ambientes naturais têm como particularidades as seguintes qualidades: não está sujeita a horários fixos; sua forma de praticar, intensidade, modo e ritmo podem variar de acordo com cada praticante; são originais e criativas; troca tradicional do esforço por um paradigma de equilíbrio e satisfação; o componente fundamental das atividades de aventura é a sensação de risco, aumentando a motivação e as emoções das atividades.

Importante acrescentar entendimento de Melo Neto (1995) que diz que o surfe surgiu como esporte dos amantes da praia e virou um esporte em ascensão. As razões do seu sucesso explicam-se pela imagem que possui de um novo estilo de vida, saudável, naturalista e irreverente. Verifica-se assim que o surfe é um esporte que representa bem as características associadas às atividades físicas de aventura na natureza.

2.2.1 Precauções com o mar

Para a prática desse esporte, é preciso que o iniciante tenha alguns conhecimentos a respeito das marés, do vento, enfim, algum conhecimento prévio antes de se dedicar a esse exercício, pois o mar pode apresentar alguns perigos.

Dentre os esportes radicais, o surfe é considerado relativamente seguro, no entanto, cuidados básicos devem ser tomados para minimizar riscos. No Brasil, a maioria das ondas quebram sobre fundos de areia, e à medida que isso acontece, uma grande quantidade de água é impulsionada em direção a praia. Ao retornar, esta água forma canais por entre os bancos de

areia que podem ser úteis no momento e varar a arrebentação. Contudo exigem cuidados, uma vez que as correntes podem ser muito fortes. Geralmente aquelas praias que apresentam costões possuem ao lado destes, fortes valas em que a água retorna para o fundo podendo ser utilizadas pelos surfistas experientes (ONDAS, 2016).

Os oceanos ocupam cerca de três quartos da superfície do planeta, debaixo de suas águas aparentemente calmas e serenas vivem mais de 250 mil espécies de organismos. Em algumas praias, ao aproximar-se da terra, o oceano oferece ondas bastante interessantes para a prática do surfe. No Brasil, essa afirmação pode ser constatada em diferentes pontos da costa. O surfe é um esporte praticado em contato direto com a natureza, estando sujeito à influência de diversas variáveis que podem interferir na formação e tamanho das ondas. Conjugados, esses fatores irão determinar as condições para a prática do surfe, isto é, conforme o posicionamento da praia, a intensidade e direção dos ventos, correntes, ondulações e marés, pode-se decidir qual o local mais apropriado para surfar naquele momento (ZENI, 2002).

As ondulações se fazem por meio da transferência de energia que os ventos trazem para a água, que carregam consigo grandes quantidades de energia (GUTEMBERG, 1989).

As longas distâncias entre as massas de terra possibilitam que a energia do vento seja transferida para a água do oceano. No entanto, de acordo com Lorch (1980), antes que as ondas atinjam a costa, o vento tem de satisfazer três condições: soprar sobre a água com muita velocidade para que a água da superfície se mova; soprar durante um período de tempo não muito curto; soprar sobre uma longa extensão de água. De uma maneira geral, a altura de uma onda é de aproximadamente a metade da velocidade do vento.

Dessa maneira, quando as ondulações chegam à praia, formam-se as ondas. Uma onda quebra quando o fundo é satisfatoriamente raso para forçar um movimento abrupto no equilíbrio orbital. Assim sendo, as ondulações inclinam-se para a frente e arrebentam, liberando a energia que carregam desde a sua formação em alto mar (ZENI, 2002).

Cada praia apresenta uma ondulação característica, sendo algumas consideradas melhores do que outras para a prática do surfe. Isto é definido pelo posicionamento, em que as ondulações podem entrar mais perfeitas ou

não, uma vez que as ondulações podem ser barradas por ilhas próximas à praia, costões ou morros. Por esse motivo, torna-se importante o conhecimento geográfico para a escolha da praia (GUTEMBERG, 1989).

Borges e Ruy (2000), qualquer tentativa de delinear a estrutura de uma praia deve levar em consideração os agentes promotores de tais mudanças, isto é, os processos hidrodinâmicos que as dominam. Hidrodinamicamente distingue-se em uma praia as seguintes zonas: Zona de Arrebentação (*Breaking Zone*); Zona de Surf (*Surf Zone*); Zona de Espairamento (*Swash Zone*).

Outra característica a ser observada para a prática do surfe, são os fundos. São observados na natureza, diferentes tipos de fundo espalhados pelas praias, cada um com características específicas que influenciam de maneira decisiva na formação das ondas. Lorch (1980), afirma que o primeiro é formado por um banco de areia denominado de “*beach break*”. Uma onda de “*beach break*” quebra em bancos de areia localizados em partes da plataforma continental, sendo a formação de grande parte da costa brasileira. O fato de o fundo constituir-se de areia não faz o surf tão perigoso, entretanto torna-o menos previsível, uma vez que a onda pode quebrar de diferentes maneiras.

Zeni (2002) também descreve outro tipo a ser observado, que são os recifes de coral ou pedra conhecidos por “*reef break*”, a vantagem que se tem nessa formação é que essa quebra sempre no mesmo local e de forma previsível, em decorrência do fundo fixo. O que torna perigoso, é a pouca profundidade e as pedras muito rasas, por vezes até visíveis.

O terceiro tipo de arrebentação denomina-se de “*point break*” e quebra em uma ponta de terra entrando em direção ao restante da praia em perfeita simetria. O “*point break*” é quase sempre de pedra e quebra sempre igual às condições de vento e ondulação, sendo a onda formada por seções proporcionais ao fundo sobre o qual estão quebrando (ZENI, 2002).

Dentre os conhecimentos para a prática do surfe, os ventos podem ser considerados de grande relevância. Zeni (2002) acrescenta que, além de ser de grande importância na formação das ondulações, os ventos também são responsáveis por determinar as condições ideais para a prática do surfe, dependendo de sua direção e intensidade.

Os ventos influenciam diretamente nas ondas, marés e correntes. Grê e Medeiros (2001) salientam que os ventos são formados pelo aquecimento nos continentes e oceanos. Os ventos se deslocam das áreas de alta pressão para as áreas de baixa pressão, das regiões mais frias para aquelas mais quentes. Durante o dia, tanto os oceanos como os continentes, recebem a mesma quantidade de luz e calor. No entanto, os continentes se aquecem mais rápido, dessa maneira, os ventos sopram do oceano para o continente (vento maral ou brisa marítima). Durante a noite o processo é inverso, os oceanos detêm mais calor que os continentes, o que provoca uma mudança de direção do vento. Isto explica o motivo de pela manhã o vento ser terral, ideal para a prática do surfe.

De acordo com Souza (2003), o vento é o ar em movimento, assim sendo quanto mais forte esse fenômeno natural maiores serão as ondulações formadas. Na praia, o vento pode, basicamente, se comportar de duas maneiras distintas que influenciam nas ondas. O vento maral, que sopra do mar para a terra, estando normalmente associado a chegada de uma ondulação, deixando as ondas mexidas e com má formação. Já o vento terral sopra da terra para o mar, ele pode deixar as ondas mais lisas e com uma melhor formação.

Porém a chegada de um desses tipos de vento e mesmo da ondulação em cada praia pode ser variável, ou seja, muitas vezes um vento sul pode ser maral numa praia e terral em outra, a ondulação de sul pode quebrar bem numa praia e não quebrar nada em outra. A esse processo que se aplica a variável de posicionamento geográfico da praia em relação à costa. Cada praia possui seu posicionamento que poderá ser muito bom para a prática do surfe em algumas condições específicas, e muito ruim em outras (SOUZA, 2003, p. 25).

Há ainda, as marés, que de acordo com Grê e Medeiros (2001), são a subida e a descida das águas do mar causadas nomeadamente pela atração gravitacional da Lua sobre a água da Terra. No litoral, diariamente, são observadas duas marés vazantes e duas marés enchentes. Como as marés determinam os níveis de água nas praias, deverão ser sempre analisadas e consideradas no instante de escolher o local mais apropriado para a prática do surfe.

2.3 Aprendizagem dos movimentos – manobras e equipamentos

O surfe é identificado como sendo o ato de correr uma onda apoiado ou estando em pé sobre uma prancha. De acordo com Farias (2000), baseado nesse entendimento, o surfe é um desporto de equilíbrio inconstante. Ao deslizar, estando apoiado num artefato com superfície móvel, instável e com alterações quase sempre mutáveis (a onda), o surfista tem de buscar acomodar-se em diferentes posições. Sendo, portanto, o equilíbrio uma condicionante principal da aprendizagem para a prática do surfe.

É importante proporcionar aos alunos a descoberta do centro de gravidade, em todas as posições, seja deitado, remando, sentado ou de pé na prancha, que é o objetivo do ensino de surfar. Na atualidade, o surfe procura a execução das manobras possantes e com mudanças de direção bastante rápidas, exigindo do executante uma precisa consciência da posição de seu corpo no espaço, admitindo posturas em relação à gravidade que lhe admitem agir e movimentar-se de maneira econômica (ZENI, 2002).

De acordo com Silva (2000), os movimentos ou conteúdos técnicos do *surfe*, podem ser designados como sendo as manobras de nível básico e avançado. Assim sendo, o saber surfar, pode ser interpretado como saber remar deitado na prancha; sentar-se na prancha; apanhar (pegar ou entrar) a onda, deslizando na parte da espuma; ficarem pé na prancha; descer e percorrer a onda; mudar de direção na onda, enquanto desliza. As manobras de nível avançado têm recebido denominações a partir do inglês, tais como: *floater*, *layback*, *aerial*, *cutback*, *360*, *tubo*, entre outros.

Zeni (2002) diz ainda que, mesmo dependendo das variações das condições do mar, que decidirão a intensidade da atividade, o surfe envolve determinados exercícios básicos. As fases do surfe podem ser divididas para uma melhor compreensão e isolamento de suas características neurológicas, motoras e metabólicas:

1. Remada para o outside (fundo): surfista deitado sobre a prancha, exige uma resistência predominantemente aeróbica do praticante, que deverá atravessara arrebentação das ondas antes de chegar ao local ideal para a prática da atividade;
2. Remada para entrar na onda – exige do atleta um bom condicionamento anaeróbio de membros superiores para a

realização de braçadas fortes e rápidas que o permitam adquirir velocidade suficiente para entrar na onda;

3. Manobras – exigem do atleta um bom condicionamento anaeróbio (sobretudo nos membros inferiores) para realizar manobras explosivas com potência, precisão, agilidade e controle (ZENI, 2002, p. 21).

Dessa forma, fica evidente a importância de um bom condicionamento, nomeadamente da parte física, para que os atletas suportem a alta intensidade da atividade no curto período de tempo. Zeni (2002) destaca que a prática do surfe exige do praticante: velocidade, força e agilidade para realizar manobras; resistência aeróbica para remar; força para entrar na onda.

Quando surgem manobras e situações inesperadas o surfista precisa tomar uma atitude rapidamente, e por esse motivo deve possuir uma velocidade de reação alta, dessa maneira poderá prevenir-se e não cair da prancha. Depois de surfar a onda, terá de retornarem velocidade, necessitando, portanto, de uma boa resistência de força para que chegue de modo rápido à linha de arrebentação, sem que o cansaço o prejudique (ZENI, 2002).

Para a prática do surfe, sugere-se também que se utilizem vestimentas adequadas, dentre os surfistas a mais popular é a roupa de neoprene², que, de acordo com Zeni (2002), pode ser utilizada em condições de água fria para evitar a fadiga muscular e a hipotermia. Existem muitos modelos de roupa, desde os que cobrem o corpo inteiro até os sem manga e com shorts nas pernas.

A tecnologia tem apresentado novidades, Farias (2000), acrescenta ainda, que os surfistas têm ao seu dispor cada vez mais vestimentas especiais de proteção térmica, desde que foi descoberta a técnica de neoprene. Como na natação a indústria do vestuário surfe investiga cada vez mais formas de evitar que o atleta sinta desconforto no frio durante o tempo que estiver na água.

²Neoprene é um tipo de borracha sintética que foi desenvolvido na década de 1930, e desde então tem sido incorporado na produção de diversos produtos utilizados cotidianamente, como em equipamento de proteção, essenciais para segurança do trabalho e em ambientes onde existem riscos de acidentes. Um dos usos mais populares dessa borracha está na estrutura de roupas de borracha para mergulho. Nessas roupas de mergulho e de surfe, a água fica acumulada entre neoprene entre a pele do usuário. O calor do corpo aquece a água contra a pele, que trabalha para reduzir a perda de calor do corpo, o que permite ao usuário permanecer confortavelmente na água fria por mais tempo. A borracha neoprene também facilita a flutuação na água. Por isso, muitos entusiastas de esportes usam roupas de borracha neoprene, incluindo mergulhadores, surfistas e windsurfistas (BRANCO, 2016).

2.4. O ensino do surfe nas aulas de educação física escolar

Durante as aulas de Educação Física, os alunos podem vivenciar atividades que os levem a ter um conhecimento sobre o próprio corpo, que priorizem a prática de exercícios, com ênfase na respiração e relaxamento. Ou seja, atividades que enfoquem as dimensões do lazer, da saúde e do prazer, fazendo com que reconheçam seus limites e possibilidades, além de proporcionar uma relação com possíveis discussões propostas em projetos disciplinares e/ou interdisciplinares (DARIDO, 2012).

Na Educação Física, muitos professores, ainda influenciados pela concepção esportivista, continuam restringindo as suas aulas aos esportes mais tradicionais, como por exemplo, basquetebol, voleibol e futebol. Não bastasse este fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, o que acaba limitando a perspectiva do que se ensina/aprende, do conhecimento produzido pela humanidade sobre a cultura corporal (DARIDO, 2012a, p. 46).

Dessa forma, entende-se que é importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas de Educação Física, para além dos esportes tradicionais. A inclusão e a possibilidade das vivências de outras práticas corporais podem facilitar a adesão do aluno na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação. Darido (2012, p. 12) salienta ainda que a Educação Física na escola deve “promover a inclusão de todos os alunos, tanto quanto possível, nos conteúdos que propõe, adotando para isto estratégias adequadas”.

A Educação Física na escola deve ser entendida como uma área que trata da cultura corporal com a intenção de introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la. Assim, o aluno precisa ser instrumentalizado, ter conhecimento de técnicas para usufruir dos jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BETTI, 1992).

Darido (2012a) salienta que, quanto às finalidades para o ensino da Educação Física é possível elencar os objetivos relacionados à saúde, ao lazer e ainda à apreciação crítica. A busca por melhores condições de vida relacionada à saúde é uma possibilidade bastante aceitável na aprendizagem

da Educação, no entanto, esta não é a única. Pode colaborar com a melhoria da saúde ou mesmo com a adoção de um estilo de vida mais ativo.

Outra finalidade apontada por essa autora, refere-se prática como forma de lazer, como atividade relacionada à vivência lúdica realizada no tempo livre. Dessa maneira, no ensino das práticas corporais, o professor precisa estar atento ao fornecimento de repertório de movimento, mas de igual forma, ao tratamento de atitudes para com o lazer, bem como a compreensão do que venha a ser esse termo.

Em estudo de Darido (2004), essa autora observou que muitos alunos tinham preferência por conteúdos esportivos, que eram reforçados pela mídia, no entanto, existem outras atividades corporais que podem ser apresentadas, para além de um programa de atividade física que se sobressaia aos conteúdos exclusivamente esportivos. Os resultados, apesar dos alunos ainda vincularem a Educação Física com a prática de esportes, comprova a aceitação de outras práticas corporais.

Deveria ainda compor o rol de conteúdos da disciplina da Educação Física na escola, em uma dimensão biológica, de acordo com Darido (2012a, p. 48):

[...] as relações entre nutrição, gasto energético e as diferentes práticas corporais, bem como entre exercício, lesões e uso de anabolizantes; o desenvolvimento das capacidades físicas; e a melhoria da saúde e da estética. Já em uma dimensão sociocultural, deve ser esclarecido aos alunos as relações entre esporte, sociedade e interesses econômicos; a organização social, o esporte e a violência; o esporte com intenções de lazer e de profissionalização; a história e o contexto das diferentes modalidades esportivas; a qualidade de vida, atividade física e contexto sociocultural; as diferenças e similaridades entre as práticas dos jogos e dos esportes; as adaptações necessárias para a prática do esporte voltado para o lazer, entre outros.

De acordo com Brasil; Ramos e Goda (2013), com o aumento da popularização do surfe no Brasil, e, sua institucionalização para a prática competitiva, transforma esse esporte em um campo importante para a intervenção pedagógica na Educação Física. Essa demanda implica, num nível adequado de qualificação e preparação para atender as exigências da prática, seja para orientar as atividades de lazer de alto rendimento, seja para a formação de jovens esportistas.

Na esfera escolar, o surfe seria uma forma de beneficiar o aluno com uma atividade voltada para o meio ambiente, que permitisse ao aluno ultrapassar seus limites, e se confrontar com situações que ele mesmo possa enfrentar durante sua trajetória de vida. É de consenso, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a importância de se integrar o ensino da Educação Física no contexto escolar com o meio ambiente (SANTOS, 2017).

As atividades físicas quando se relacionam com a natureza possibilitam ao aluno confrontar-se consigo próprio, ultrapassando receios, estabelecendo regras próprias de ação e determinando também quando, e de que forma e com quem quer praticar (GUTENBERG, 1989).

De acordo com Martins (2008) o surfe pode ser um importante conteúdo para se trabalhar nas aulas de Educação Física em escolas de cidades litorâneas, por ser uma realidade presente no cotidiano do aluno residente nessas proximidades. Considerando ainda o surfe como conteúdo das aulas de educação física, respeitando a realidade da comunidade onde a escola estiver localizada, apresenta-se como importante mecanismo de desempenho no processo reflexivo da aprendizagem. Esse esporte apresenta um grande repertório de movimentos, além de um mercado que se encaixa em sua estética e valorização da natureza, fatores que agregam ao surfe singularidade para uma aula que possibilite aprendizagens significativas. O trato do conhecimento dessa atividade nas aulas de educação física possibilita a integração do aluno ao seu dia-a-dia, à realidade em que vive e a ressignificação dos conteúdos e experiências.

A aprendizagem do surfe constitui-se em uma habilidade motora, ou seja, uma tarefa, a ser alcançada, tal como tocar piano ou dirigir um carro. No entanto, esta atividade, necessita de prática para desenvolver-se, uma vez que exigirá movimentos voluntários do corpo cujo objetivo para a prática do surfe, é equilibrar-se na prancha durante seu deslocamento. Assim, para que os movimentos atinjam seus objetivos, exigirão agilidade dos diferentes segmentos do corpo: posicionamento na prancha, pernas, braços, equilíbrio e outros (MAGILL, 2000).

Dessa maneira, Menezes Filho e Moreno (2016), destacam que as habilidades motoras, percorrem um caminho evolutivo, que vão desde a inexperiência até o desempenho habilidoso, tais como se pode observar em

muitas atividades do cotidiano. Nesta ação, os princípios da modelação, encadeamento, instrução verbal e de reforço como procedimento de aprendizagem para aquisição de habilidades motoras estabelecem-se em princípios comportamentais para a manutenção e aperfeiçoamento técnico de habilidades motoras.

Os autores supracitados designam o surfe como sendo um esporte da natureza. Desse modo, essas atividades assinalam diversas práticas, nos mais diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais, tais como as condições de se praticar, os objetivos, a motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de equipamentos específicos possibilitando uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente.

Brasil; Ramos e Goda (2013, p. 386) acrescentam ainda que:

As características desse esporte elevam o grau de complexidade da tarefa, exigindo do praticante um nível superior de percepção, decisão e de ajustamento motor ao meio líquido e ao equipamento (prancha), em especial ao jovem em situação de aprendizagem. Para o treinador, o desafio incide sobre a construção de situações de aprendizagem, de natureza aberta e complexa, que proporcionem níveis seguros de prática e de eficácia no aprendizado, preservando as sensações prazerosas de relação entre o aluno e a natureza.

A necessidade da busca por uma vida mais saudável por meio da prática esportiva e da ligação do homem com a natureza torna o surfe um dos principais esportes que possibilitam essa ligação, em que os praticantes são admiradores do oceano e participantes ativos de sua preservação. Observa-se ainda ratar-se de um dos esportes que mais cresce nas últimas décadas. Esse esporte encontra-se globalizado, tornando-se comercial, bem divulgado e inserido no sistema social capitalista. Pode-se destacar ainda, seu lado espiritual, em decorrência do prazer que proporciona, dos benefícios do exercício, do tempo para reflexão e da filosofia que envolve o esporte (ANDRADE, 2007).

Conforme Souza (2003), o surfe vem obtendo grande aceitação pelo público em geral. Um dos possíveis segredos para o sucesso talvez esteja relacionado a promoção de valores, tais como liberdade, alegria, emoção, saúde, juventude e aventura apresentam grande relação com o esporte.

Ardio Neto e Wendhausen (2006), acrescentam que a prática do surfe tem encontrado grande aceitação entre o público infanto-juvenil. Considerando tal aceitação, se faz necessário conhecer as qualidades que este esporte traz para crianças e adolescentes, sendo possível observar a promoção de aspectos físicos, motores, psíquicos e sociais. De uma maneira geral o esporte é capaz de contribuir para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Menezes Filho e Moreno (2016), relatam que é comum encontrar escolas de surfe e instituições de ensino que possuem em seu programa extracurricular, o ensino deste esporte. Apesar da existência de escassas pesquisas para verificar qualitativamente como tal esporte tem contribuído para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, é sabido que a prática esportiva, independente da modalidade, muito coopera na formação integral do público infanto-juvenil.

De uma maneira geral, o esporte contribui para o harmonioso desenvolvimento físico, prepara-os psicologicamente para o esforço, auxiliando-os em seu equilíbrio físico e psíquico, participa ativamente da formação da sua vontade, de seu caráter, e favorece a adaptabilidade social. Para que qualquer pessoa pratique alguma modalidade esportiva durante a sua vida, se faz necessário que na infância adquira o hábito e o prazer de praticá-lo. Assim, compete à escola adaptar os seus programas e sua pedagogia, de maneira que tais hábitos e interesses permaneçam arraigados ao ser em formação (DAIUTO, 1983).

A introdução do surfe como conteúdo em aulas de Educação Física de escolas públicas teve início na Austrália, ainda na década de 1980, como maneira de motivar os jovens e evitar a evasão escolar. Encontram-se no Brasil, algumas iniciativas em escolas particulares, nomeadamente no Rio de Janeiro; e, em escolas públicas, como Ubatuba, no estado de São Paulo, onde desde 1997, o surfe foi incluído no currículo de Educação Física das escolas (MENEZES FILHO e MORENO, 2016).

No ano de 2006 a Federação de Surfe de Matinhos (PR), em parceria com a Secretaria de Educação de Matinhos e o Ministério da Educação junto ao Programa Segundo Tempo (PST), lançaram o projeto Surfe na Escola que visa por meio da introdução desse esporte mostrar a importância da cidadania associada ao meio ambiente, no aprendizado dos fundamentos do esporte com

segurança, proporcionando maior confiança para os alunos (IEME COMUNICAÇÕES, 2016).

Como critérios de participação, o PST definia que o aluno tivesse de 4 a 14 anos e com obtenção de notas iguais ou superiores a 6,0. Em 2006, 4 escolas do município de Matinhos estavam cadastradas e o projeto convidou outras 40 crianças das demais escolas públicas para participar. "Nosso objetivo é atender cada vez mais crianças e conseguir o desenvolvimento esportivo em Matinhos. Além de conscientizar a população a respeitar a preservação das praias, das vegetações, da fauna e da flora dos ambientes litorâneos, os alunos também contam com palestras sobre drogas e educação ambiental", destaca o coordenador do projeto que começou a ser planejado quatro anos antes, até que pudesse ser concretizado no litoral paranaense (IEME COMUNICAÇÕES, 2016).

Menezes Filho e Moreno (2016) ressaltam que, neste contexto, o surfe vai se inserindo na escola de ensino regular das regiões litorâneas, onde é possível se observar também em Florianópolis, oferecendo a iniciação aos seus alunos de forma regular e organizada. Para esses autores, consta-se assim, que de acordo com o Programa Curricular Nacional, a escola tende a preocupar-se com práticas culturais da sociedade em que está inserida.

Como prática esportiva, o surfe dentro da escola, de uma maneira ou de outra, adentra no âmbito da educação física escolar, que por influência de seus departamentos de esportes e profissionais, deve receber tratamento didático/pedagógico/metodológicos responsáveis por orientar a ação de construção dos objetivos, não apenas da modalidade em si, mas de igual maneira como agente de formação geral do educando (MENEZES FILHO e MORENO, 2016).

Para Souza (2003), quando uma formação esportiva tem início nos primeiros níveis de escolaridade, em concordância com a escola, desenvolvida por professores de Educação Física com preparo adequado, e tendo como principal objetivo o desenvolvimento global e harmonioso da criança, respeitando sua individualidade biológica, tendo conhecimento das particularidades de cada modalidade esportiva, pois, essas se constituem em pressupostos imprescindíveis não somente para o desenvolvimento ideal como também para a criação de condições favoráveis para o rendimento e alto nível.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da pesquisa

Elegemos para esta investigação a pesquisa do tipo descritiva com abordagem qualitativa. A pesquisa descritiva, de acordo com Cervo e Bervian (1996, p. 49), “[...] é aquela que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”, tendo como objetivo primordial, segundo Gil (2007), a descrição das características dos mesmos.

3.2 Seleção dos estudos analisados

Definimos que nossa amostra será constituída por artigos publicados em periódicos nacionais da área da educação física, e por teses e dissertações produzidas a partir de 1980 nos programas de pós-graduação em educação física no Brasil.

Para a coleta dos artigos, fizemos uma busca com as palavras-chave “surf”, “surfe”, “surfistas”, “pranchas de surf”, “wqs” e “wct” em onze periódicos nacionais da educação física: Revista movimento, Revista pensar a prática, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Revista de educação física da UEM, Revista Brasileira de ciência e esporte, Licere, Revista Brasileira de educação física e esporte, Paidéia, Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Motrivivência e Revista Motriz. Vale ressaltar que, para a seleção da amostra, consideramos o escopo da revista, a qual precisava apresentar aproximações com o surfe.

Para tanto utilizamos termos de pesquisa para abranger o maior número de trabalhos relacionados ao surfe (surf, surfe, surfistas, pranchas de surf, pranchas de surfe, wqs, wct), neste momento a relação do surfe com a escola não foi empregado como filtro. Ao final deste momento encontraram-se quarenta e três artigos, onde a busca realizou-se numa soma de 12 revistas (Revista Movimento, Revista Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Revista da Educação Física da UEM, Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Licere, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Paiéia, Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano, Motrivivência

e Revista Motriz). Já a pesquisa em dissertações e teses, finalizamos com 3 dissertações ao final.

A seleção dos artigos se deu por meio da leitura do título e resumo dos estudos, posteriormente adotamos os seguintes critérios para a filtragem dos trabalhos: 1) artigos publicados em português 2) artigos disponibilizados com texto completo; 3) artigos que abordem o surfe como tema principal. Com a seleção dos estudos foi realizado a leitura completa de todos os trabalhos, essa triagem chegou ao final com 21 estudos, podendo ser observado no Quadro 4. De acordo com cada estudo selecionado, os dados sobre ano de publicação, autor, título, objetivo e principais resultados, foram esquematizados pelo autor deste trabalho em quadros e gráficos.

No que se refere às teses e dissertações, a escolha por investigar os programas de pós-graduação da área da Educação Física justifica-se pelo objetivo em analisar pesquisas que tratam do surfe num âmbito geral, tentando localizar algo relacionado a surfe e escola, também buscamos ter a compreensão do que vem sendo produzido internamente na área sobre o assunto, haja vista que, intentamos correlacionar os dados presentes nos artigos com as teses e dissertações.

Acerca das teses e dissertações, considerando que existe uma defasagem na alimentação dos bancos de dados coletivos que disponibilizam as mesmas, optamos por realizar a coleta diretamente nos sites dos programas e complementar com a busca no Portal Domínio Público e nas Bibliotecas Digitais das instituições de ensino superior responsáveis pela oferta dos programas de pós-graduação pesquisados, eliminando possíveis duplicidades encontradas.

Então, num primeiro momento, fizemos um levantamento das Instituições de Ensino Superior que oferecem cursos de pós-graduação em nível de mestrado e/ou doutorado na área da Educação Física, totalizando de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior na grande área das Ciências da Saúde, área da Educação Física, 35 instituições.

Na sequência, selecionamos os programas de pós-graduação participantes da pesquisa a partir dos critérios: 1) oferecer o curso de mestrado e/ou doutorado acadêmico em educação física; 2) ser curso recomendado e

reconhecido pela CAPES; e 3) disponibilizar as teses e dissertações online no site do programa de pós-graduação, no Portal Domínio Público e/ou na Biblioteca Digital da instituição; 4) disponibilizar as dissertações e teses completas; 5) O programa deve estar com a alimentação do sistema regularizada.

Ao final, a amostra foi composta por 14 programas que se adequaram aos critérios de inclusão. E, pelo fato de nem todos os programas disponibilizarem a ferramenta de busca, não podemos utilizar palavras-chave e/ou descritores. Sendo necessária a criação de um banco de dados (2540 dissertações e 510 teses) com todas as pesquisas identificadas, estruturado de forma cronológica de acordo com o ano de publicação dos trabalhos, contendo informações como autor, ano, título e instituição, para somente depois distinguirmos as pesquisas que abordam o surfe.

Para realizar a seleção da amostra sobre o tema do surfe, adotamos como critérios de inclusão: teses e dissertações em português que tratam do surfe em seus títulos, publicadas a partir de janeiro de 1980. Já os critérios de exclusão: estudos que não atendem aos critérios de inclusão mencionados, publicações duplicadas ou incompletas.

Para tanto, num primeiro momento realizamos uma busca, utilizando a ferramenta “Localizar” do Excel, com as palavras-chave “surf”, “surfe”, “surfistas”, “pranchas de surf”, “wqs” e “wct”. Após esta primeira seleção, realizamos a leitura dos títulos e resumos para um refinamento e seleção das pesquisas que tratem do surfe. Também será realizada reunião com o colaborador da pesquisa visando encontrar um consenso amostral. Ao final, a amostra foi constituída por apenas duas dissertações.

Para a coleta dos projetos pedagógicos entramos diretamente em contato com os cursos de educação física das universidades públicas de Florianópolis para obter autorização ao acesso do documento. Ambas as universidades disponibilizaram os projetos.

A composição da fonte de dados compreendeu os projetos pedagógicos (PP) dos cursos de licenciatura e bacharelado em educação física da Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Estado de Santa Catarina num total de dois PPs. A escolha por esses projetos, como fonte de dados, ocorreu no entendimento de que os mesmos seriam expressivos para

análise de como o conteúdo do surfe está empregado nos cursos de formação de professores de educação física na capital de Santa Catarina.

3.3 Tratamento dos dados

Para o tratamento dos dados, tanto dos documentos (projeto pedagógico) como da produção científica (artigos, teses e dissertações), utilizamos a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977, p.38), a fim de estruturar os dados para melhor esclarecer as conclusões, a qual é entendida “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Essa técnica, como observa Bardin (1977), passa por três fases distintas, são elas: 1) pré-análise; 2) exploração do material e tratamento dos resultados; e, 3) inferência e interpretação.

A pré-análise é a fase de organização que busca estruturar as ideias iniciais com o propósito de organizar os dados. A análise do material acontece após à conclusão das operações características da pré-análise (leitura flutuante, triagem dos documentos, criação das hipóteses e dos objetivos, referenciação dos índices e a elaboração de indicadores). Esta etapa é a mais duradoura e equivale na definição das unidades de registro e de contexto; definição dos sistemas de categorias e de codificação, e a identificação das unidades de registro nos documentos.

Nesse estudo, aplicamos a unidade de contexto, que objetiva simplificar o conhecimento do seu processo codificação, sendo correlativa ao segmento da mensagem. Suas características permitem entender a significação exata da unidade de registro, podendo ser substituída a frase pela palavra e o parágrafo pelo tema.

Associando a produção científica identificada, averiguamos os dados referentes aos autores, objetivos, tema central, principais resultados. Para a discussão dessa fase foi fundamental efetuar a leitura na íntegra. Os temas referem-se ao assunto abordado na pesquisa, e mesmo se tratando de surfe em ambiente escolar, buscaremos identificar o que foi produzido dentro desse universo.

Ainda é significativo ressaltar, que o projeto pedagógico foi explorado dentro de suas peculiaridades, ou seja, de acordo com o conteúdo do surfe presente nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura em educação física de duas universidades públicas de Florianópolis.

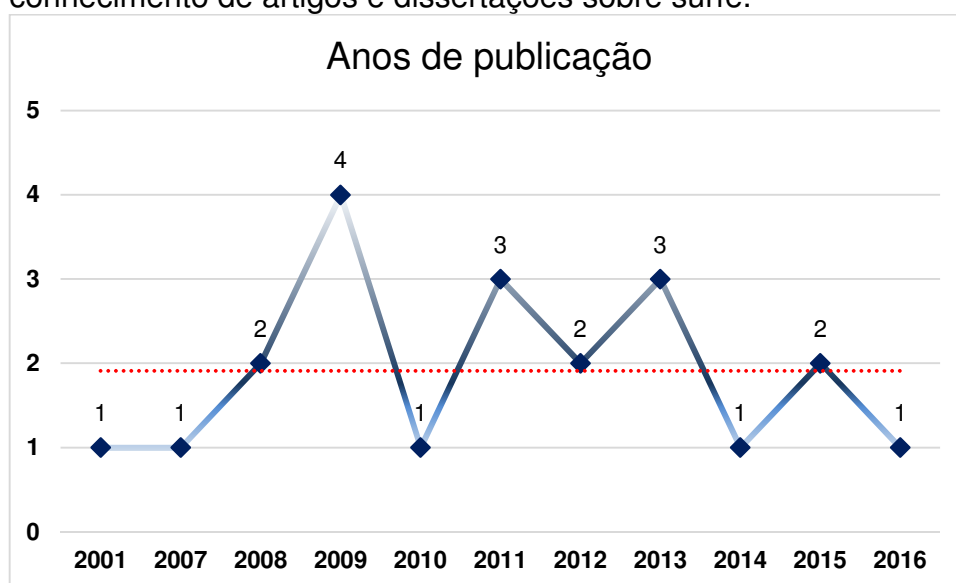
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No arranjo dos resultados e discussões, optamos por apresentar os dados na seguinte ordem: sistematização da produção de conhecimento sobre surfe, o surfe na formação inicial na cidade de Florianópolis e finalizamos com uma proposta para inserção do surfe no contexto escolar.

4.1 A produção de conhecimento sobre surfe na área da Educação Física

No que se refere à produção de conhecimento sobre surfe. Os artigos analisados retratam o que vem sendo pesquisado sobre o surfe no cenário nacional. Na figura 1 observamos o fluxo e o volume da produção científica sobre surfe concentrados por ano de publicação.

Figura 1: Quantificação do fluxo e do volume da produção de conhecimento de artigos e dissertações sobre surfe.



A primeira figura apresenta os 21 trabalhos selecionados, estas publicações ocorreram entre 2001 e 2016, observando uma grande variação na produção textual sobre surfe, do ano de 2001 até 2007 tivemos apenas dois trabalhos publicados, porém logo no ano de 2008 até 2009 ocorreu o maior número de estudos realizados num total de quatro publicações de artigos e dissertações, a partir deste ano verificou-se uma crescente nas produções

textuais, tendo pouca variação de um ano para outro na produção científica sobre surfe.

Verificando o quadro 1, a produção de artigos e dissertações relacionadas ao surfe, pode ser considerada pequena, levando em consideração que as revistas onde ocorreram as buscas, tratam de assuntos pertinentes à educação física. Segundo Brasil, Ramos e Goda (2013) os estudos sobre surfe têm sido publicados em uma gama variada de periódicos, destacadamente em revistas científicas da área da Geografia, Oceanografia, Medicina, Sociologia, História e Educação Física. Em especial como objetivo deste trabalho, que é a ligação do surfe com a educação física na escola, não verificamos nenhuma publicação com objetivo central surfe/escola, o que pode ser verificado nos quadros 2 e 3.

Quadro 1: Distribuição dos artigos por periódicos, considerando seus estratos de avaliação no Capes *WebQualis*.

Periódicos	N	Estratos	Histórico
Revista Movimento	2	A2	1994
Revista Pensar a Prática	2	B2	1998
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	4	B2	1987
Revista da educação física da UEM	2	B1	1989
Revista Brasileira de Ciência do Esporte	1	B1	1979
Licere	2	B2	1998
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	3	B1	2004
Paidéia	0	B2	1991
Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano	2	B1	1999
Motrivivência	1	B2	1988
Revista Motriz	0	B1	1995

Nota-se que entre as revistas analisadas, ainda que todas tratem de assuntos pertinentes à educação física, não apresentam pesquisas referentes ao surfe, demonstrando a existência de defasagem nacional na literatura, nomeadamente em assuntos em que o surfe é relacionado ao contexto escolar, o que torna significativa a originalidade desse estudo, o que virá a contribuir para futuros estudos.

Com o intuito de apresentar a síntese da produção de conhecimento sobre surfe Brasil, segue Quadro 2 e Quadro 3, organizados de acordo com os dados de cada uma das pesquisas que fizeram parte da amostra.

Quadro 2: Síntese das dissertações sobre surfe.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS
PEIRÃO (2011)	Critérios utilizados para atribuição das notas em campeonatos internacionais de surfe profissional	Objetivo analisar se os critérios de julgamento de surfe atribuídos pela Associação de Surf Profissional estão sendo utilizados pelos árbitros	Foram observadas diferenças significativas entre as notas das ondas com dropes ruins, bons e excepcionais
PALMEIRA (2007)	Influência do sistema nervoso autônomo nas alterações cardiovasculares e metabólicas de surfistas profissionais	O objetivo deste trabalho foi identificar as influências do sistema nervoso autônomo sobre os ajustes cardiovasculares e metabólicos que ocorrem durante as diferentes fases que compõem uma bateria de surfe competitivo	Atletas profissionais de surfe apresentam maiores níveis de aptidão física e funcional que os praticantes recreacionais, durante a utilização da área funcional da onda, pelos atletas, observou-se aumento da frequência Cardíaca e lactato, além de redução da glicemia

Quadro 3: Síntese dos artigos sobre surfe.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS
BRASIL; RAMOS; RODRIGUES (2015)	As ações pedagógicas para a intervenção do Treinador de <i>surf</i> .	Analisar as ações pedagógicas para o ensino do surf a partir do entendimento de formadores de treinadores de surfe.	- Os resultados desse estudo indicaram que as ações do treinador de surf devem ser direcionadas, predominantemente, ao controle e ao ajuste das circunstâncias do ambiente.
GONÇALVES (2009)	O surfe e a moderna tradição brasileira.	Descrever e analisara história do surfe no Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1970.	Oficialização do surf como parte do cenário carioca, grandes empresas viram o crescimento deste esporte e investiram em eventos de surfe no Brasil.
BRASIL; RAMOS; GODA (2013)	A produção científica sobre <i>surf</i> : uma análise a partir das publicações entre 2000-2011.	Realizar uma análise da produção científica sobre surf publicada entre janeiro de 2000 e dezembro de 2011.	Os resultados indicam que a produção científica sobre surf tem aumentado nos últimos anos e suas iniciativas tem se originado de diversas áreas do conhecimento. Dentre as temáticas mais estudadas verificaram-se aquelas ligadas ao espaço de prática do surf e as lesões oriundas da prática.
RAMOS; BARROS; GODA; BRASIL; GODTSFRIEDT (2014)	Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional.	Descrever situações da trajetória de vida de treinadores de surfe, identificando os significados que atribuem à prática pessoal e profissional neste esporte.	Conclui-se que os significados pessoais da prática destes sujeitos permaneceram estáveis ao longo da vida influenciando a escolha e permanência na carreira de treinador.
GARCIA; VAGHETTI; PEYRÉ-TARTARUGA (2008)	Comportamento da frequência cardíaca durante uma sessão de surfe.	Determinar o comportamento da frequência cardíaca durante uma sessão de surfe.	- A média da frequência cardíaca da sessão correspondeu a 78,91% da frequência cardíaca máxima dos participantes. - A intensidade de uma sessão de surfe pode ser considerada moderada e a fase onda do padrão de movimento no surfe possui a média de frequência cardíaca mais elevada.

<p>NAVARRO; DANUCALOV; ORNELLAS (2010).</p>	<p>Consumo máximo de oxigênio em surfistas brasileiros profissionais.</p>	<p>Medir o pico de VO₂ de surfistas brasileiros profissionais.</p>	<p>Conclui-se que a prática do surfe pode ter um importante efeito induzido pelo treinamento na capacidade aeróbica dos músculos superiores do corpo de surfistas brasileiros profissionais.</p>
<p>DANUCALOV; ORNELLAS; NAVARRO (2009).</p>	<p>Força muscular isocinética, perfil de surfistas brasileiros.</p>	<p>Medir isocineticamente a união glenoumeral do rotador interno e do rotador externo, músculos flexores e extensores em uma população de surfista.</p>	<p>Concluiu-se que não houve diferença entre membro dominante e não dominante, além disso, foram apresentadas relações de equilíbrio muscular nos surfistas.</p>
<p>KUNDRAT; ANDRADE; OLIVEIRA; RIBEIRO; MATSUDO (2001)</p>	<p>Frequência cardíaca e tempo de movimento durante o surfe recreacional - estudo piloto.</p>	<p>Determinar a frequência cardíaca, a intensidade e o tempo de movimento durante a prática do surfe recreacional.</p>	<p>Sugere-se uma intensidade leve a moderada para o surfe recreacional e a “remada” como categoria de movimentação predominante na sessão.</p>
<p>RAMOS; BRASIL; GODA (2012)</p>	<p>A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas.</p>	<p>Descrever a percepção dos treinadores sobre sua aprendizagem profissional no surf e interpretá-las em conformidade com a literatura especializada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Foram valorizadas várias fontes informais de conhecimento. - Os profissionais aprendem a partir do engajamento espontâneo no domínio específico da prática do surf.
<p>RAMOS, BRASIL; GODA (2013)</p>	<p>O conhecimento pedagógico para o ensino do surf.</p>	<p>Verificar a percepção de treinadores a respeito dos conhecimentos pedagógicos empregados para o ensino do surf.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Verificou-se que os treinadores valorizam a experiência de prática pessoal no surf e o domínio dos fundamentos técnicos desse esporte para a intervenção pedagógica.
<p>ALVES; MELO (2013)</p>	<p>Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970.</p>	<p>Discutir os encontros que houve no Rio de Janeiro dos anos 1970 de praticantes do surfe e ideias ligadas à contracultura.</p>	<p>Conclui-se que da passagem dos anos 50 para os 60 o surf vinha como diversão e lazer, já no século seguinte como estilo de vida diferente do padrão imposto pela sociedade e não somente diversão um estilo de vida.</p>

AMARAL; DIAS (2008)	Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe.	Identificar os principais fatores motivacionais que influem adesão da pratica do surfe	- Fatores relacionados ao lazer, estilo de vida procurado, contato com a natureza, por proporcionar benefícios a saúde e viver momentos de emoções na pratica do esporte.
PEREIRA; ABREU; FREITAS; NOGUEIRA; MACHADO (2016)	Surfe é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens.	Analisar os aspectos motivacionais envolvidos com a aderência e permanência a prática de surfe em mulheres jovens.	- Prazer, o bem estar e a qualidade de vida são os principais fatores para a aderência e permanência no esporte.
BANDEIRA; RUBIO (2011)	“Do <i>outside</i> ”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano.	Descrever as dinâmicas do surfe e os significados de sua prática, em especial a relação ser humano/natureza.	Encontrou-se os significados da relação do surfista com o mar nas sensações corporais experimentadas nas técnicas do remar, sentar, dar o joelhinho, dropar a onda, passar a arrebentação e etc.
CANOZZI; OLIVEIRA; SILVEIRA; CAPUTO (2015)	Nova proposta de teste incremental de remada na avaliação aeróbia de surfistas.	Verificar as respostas do lactato sanguíneo e da frequência cardíaca durante um protocolo de campo específico de remada no surfe, correlacionar os índices de capacidade e potência aeróbia determinados nesse protocolo específico com o tempo de prática da modalidade e variáveis antropométricas.	Concluiu que o protocolo incremental específico de remada no surfe utilizado no presente estudo poderia ser uma ferramenta útil na determinação de índices relacionados à capacidade (vOBLA) e potência (PV) aeróbia de surfistas.
MELO; FORTES (2009)	O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80.	Analisar as quatro películas nas quais o surfe ocupou espaço privilegiado, produzidas no Brasil entre os anos de 1978 e 1983.	Concluiu-se que os filmes analisados sinalizaram e contribuíram no forjar de novas dimensões simbólicas para a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80, na qual o surfe passou a ser uma presença mais constante em vários espaços.

SOUZA; ROCHA; NASCIMENTO (2012)	Correlação da técnica <i>bottomturn</i> com as notas atribuídas no surf de alto rendimento.	Quantificar o tempo que os atletas levam na execução de BottomTurn em suas ondas e correlacioná-lo com as notas atribuídas.	Pode-se concluir que o alargamento da curva na base da onda (<i>BottomTurn</i>) pode maximizar o potencial de rendimento dos surfistas, sugerindo que o <i>BottomTurn</i> é um aspecto técnico fundamental na construção de manobras subsequentes que se adequam aos critérios de julgamento desta modalidade.
PEIRÃO; SANTOS (2011)	Critérios de julgamento em campeonatos internacionais de surfe profissional.	Verificar a relação entre as notas dos árbitros com variáveis representantes dos critérios de julgamento do surfe.	Os resultados permitiram concluir que todos os critérios utilizados pelos árbitros avaliados neste estudo se correlacionaram significativamente com as notas no ASP World Tour 2007 e 2010.
DAMIANI (2009)	O movimento religioso dos surfistas evangélicos de Florianópolis.	Apresentar o processo de institucionalização desse movimento e a expansão do neopentecostalismo na cidade.	O movimento surgiu no meio esportivo do surfe através da experiência religiosa do seu fundador, com ele se uniram outros atletas formando as demais lideranças, as drogas, o vazio existencial foram motivações.

Os quadros 2 e 3 apresentam as duas dissertações e os 19 artigos selecionados, preenchendo o quadro com uma síntese de produção sobre temas que trazem o surfe com objetivo principal de cada trabalho.

Verificamos que a produção científica sobre surfe em publicações em âmbito nacional. Após a extração das principais informações de cada artigo mapeado, fizemos uma categorização para melhor compreensão do cenário pesquisado, como apresentado no quadro 4.

Quadro 4: Categorização dos artigos, teses e dissertações selecionados.

Tipo de pesquisa	Categorias	f
Dissertações	Dados biológicos sobre atletas de surfe	1
	Arbitragem do surfe	1
	TOTAL	2
Artigos	Dados biológicos sobre atletas de surfe	6
	História sobre o surfe	3
	Adesão ao surfe	2
	Trato pedagógico para o ensino do surfe	2
	Treinadores de surfe	2
	Produção científica ao longo do tempo sobre surfe	1
	Religião e surfe	1
	Arbitragem do surfe	1
	Relação surfista natureza e gênero	1
	TOTAL	19
Dissertações e artigos	TOTAL	21

A maior produção científica encontrada trata dos **dados biológicos sobre atletas de surfe**, um total de seis artigos e uma dissertação, estes estudos têm como objetivo principal uma melhora no desempenho esportivo dos praticantes da modalidade. Isso pode ter relação direta com o caráter competitivo da modalidade investigada.

Brasil, Ramos e Goda (2013) corroboram com o resultado encontrado, afirmando que os estudos sobre desempenho esportivo estão direcionados, em maior parte, aos aspectos fisiológicos, tanto no âmbito da prática competitiva como recreativa. Visando desta forma uma melhor performance em atividades de surfe competitivas, e trazendo resultados para um melhor desempenho sobre as ondas.

Canozzi et al (2015) ainda ressaltam que é possível que a fadiga induzida durante a remada possa estar associada com alguns efeitos negativos sobre o controle postural e desempenho ao surfar uma onda, em pé sobre a prancha e realizando manobras com a maior velocidade e maior grau de dificuldade.

Em relação à categoria **história sobre o surfe**, encontramos três artigos, que no geral tratam da passagem da cultura do surfe entre as décadas de 1960 e 1980, principal época do surgimento do esporte no país, estes momentos são relatados principalmente no estado do Rio de Janeiro, local pioneiro do surfe no Brasil.

Segundo Alves e Melo (2013), Saquarema é conhecida como Maracanã do Surfe, sendo alvo de grande migração na década de 1970, e se firmaria como um local-referência do surfe, inclusive para frequentadores do píer de Ipanema, que para lá migravam. O histórico do surfe no país se desenvolve na cidade carioca e com o decorrer do tempo vai crescendo e se dissipando pelo território brasileiro.

Na categoria de **adesão ao surfe**, os dois artigos trazem como objetivo principal, o motivo no qual os praticantes escolheram o surfe como esporte, os principais resultados dessas pesquisas mostram que: o contato com a natureza, a saúde e o bem-estar, o convívio com os amigos, a diversão, a superação de desafios, o estilo de vida e as possibilidades profissionais, além do contato com a natureza são dos fatores primordiais na escolha do esporte (AMARAL; DIAS, 2008).

Já na categoria sobre **arbitragem do surfe**, os estudos buscaram analisar os critérios que os juízes de surfe utilizam na hora do julgamento de uma nota ao atleta que está competindo, em relação a categoria treinadores de surfe, verificou-se que o conteúdo a ser transposto ao aluno que frequenta uma escolinha, é atribuído no desenvolver da vida de surfista do professor.

Ramos, Brasil e Goda (2012) ressaltaram que a aprendizagem profissional desses treinadores decorreu de um processo individual de construção e reconstrução das experiências pessoais e profissionais. Dessa forma, o que ele adquiriu de técnicas com a sua prática esportiva, será repassado ao aluno no decorrer do processo ensino-aprendizagem, diferente de uma escolinha de natação, no qual um professor de educação física seria o ministrante da aula, possuindo além de conhecimento prático sobre o esporte, uma sabedoria educacional ao trato pedagógico com o aluno, já em uma escolinha de surfe não é obrigatório ser formado em educação física para ser ministrante das aulas.

Derradeiramente falo da categoria do **trato pedagógico** para o ensino do surfe, tema no qual se aproxima do objetivo principal deste trabalho, em que encontramos dois artigos que tratam dos conhecimentos dos professores de escolinha de surfe devem ter para uma melhor transcrição de conhecimento, um dos

artigos investigou 11 treinadores de surfe, sendo que destes apenas três tinham educação física como formação de nível superior, e outros dois treinadores não possuíam ensino superior, no outro artigo participaram cinco formadores de treinadores de surfistas, estes que preparam os professores para poderem dar aulas em escolinhas de surfe, apenas dois dos cinco formadores eram graduados em educação física, todos eram provisionados pelo Conselho Regional de Educação Física para atuarem em escolinhas de surfe.

Nos dois artigos foram elencados diversos pontos necessários para uma ação pedagógica para o ensino do surfe, porém me pergunto, não seria necessário a formação em educação física para adquirir o conhecimento da didática e do processo ensino-aprendizagem? Uma pessoa apenas com ensino médio seria capaz de obter o conhecimento necessário para poder planejar e ministrar uma aula?

Esta é a realidade de formação dos professores de escolinhas de surfe no país, havendo também uma desvalorização do profissional de educação física e valorização do conhecimento adquirido por meio da experiência no esporte. Apontamos nesse estudo a importância da presença de um profissional formado e qualificado para a atuação com esta modalidade esportiva, própria da área de intervenção da educação física.

Na categorização observada no Quadro 4, verifica-se uma carência no total de produções referentes ao surfe em pesquisas científicas, nomeadamente, se tratando do surfe no âmbito escolar, não são observadas nenhuma pesquisa nas buscas realizadas, mostrando a escassez total de estudos referente a esta área, atinente ao âmbito escolar em trabalhos acadêmicos, sendo, portanto, conveniente e necessário, tratar o assunto dentro do âmbito escolar.

É possível ainda considerar que o surfe está diretamente relacionado à natureza, pois necessita dessa para acontecer. Em estudo de Marinho e Inácio (2007), a educação pelas práticas corporais de aventura na natureza caminha exatamente na direção de criar, estabelecer, desenvolver e ampliar atitudes e comportamentos, mais perenes e frequentes, que se disseminam para outras esferas da vida cotidiana. Considerando, portanto, que as atividades ligadas à natureza operam como importantes para o desenvolvimento humano.

Porém, nem sempre se observa sua inserção na realidade das escolas. A cultura tradicionalista trata apenas os quatro esportes, considerados principais: handebol, futsal, basquetebol e voleibol. Nesse sentido, Darido (2004) demonstra

esse entendimento, ao evidenciar que a educação física, em função da ênfase esportiva, tem deixado de lado importantes conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade, como as danças, as lutas, os esportes ligados à natureza, privando os alunos de conhecimentos que seriam essenciais para o cotidiano onde ele vive.

Este tipo de conhecimento absorvido, já seria um pressuposto para trabalhar com o surfe dentro da escola, no entanto, ao se fazer uma análise global, o Brasil possui na atualidade, nove atletas profissionais dos 25 que compõem a elite do surfe mundial, dois desses atletas se tornaram campeões mundiais, em 2014 Gabriel Medina, e em 2015 Adriano de Souza, este residente na praia do Campeche na capital de Santa Catarina.

Crescendo junto com o surfe, vêm os admiradores e praticantes da modalidade, em Florianópolis a cultura do surfe já é significativa desde as épocas de campeonatos de surfe na Joaquina como o “Rock, Surf e Brotos” acontecido no ano de 1978, sendo que a cada dia vem aumentando com o crescimento do surfe Brasileiro em cenário internacional. Dessa forma, é possível considerar Florianópolis com uma grande cultura voltada a este esporte. Nessa direção, o Ministério da Cultura enfatiza que: “É mais fácil aprender quando as abordagens pedagógicas são criativas e têm relação com a realidade cultural das crianças e jovens” (BRASIL, 2017, s/p).

É ainda mais pertinente trabalharmos esse esporte com a relação cultural da cidade de Florianópolis, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) enfatiza que a cultura deve ser tratada dentro da escola, levando em conta fatores regionais, no art. 26 assevera que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2017, p.8).

Para além desta, podemos elencar os desafios que um praticante terá ao vivenciar esse esporte: saber se posicionar em decúbito ventral correta para executar a remada, o equilíbrio em cima de uma prancha ao deslizar sobre a onda, conhecer o mar e os perigos que o mesmo pode proporcionar como as correntes marítimas, repuxo, a influência dos ventos sobre as ondas, saber reconhecer locais

apropriados com o determinado vento do dia. Isto denota em conhecimento cultural para os alunos, provendo de aprendizagem para uma cultura local junto com o ensinamento do surfe.

Dessa maneira, vimos que não é simplesmente pegar uma prancha e sair surfando em qualquer tipo de mar, faz-se necessário um aprendizado específico, e esse acarreta ao aluno aprender diversos conteúdos, que são necessários compreender para a prática desse esporte. Assim, fica evidente a importância de se tratar a prática do surfe no contexto escolar, apesar da escassez de pesquisas nessa área, tanto que se observou a existência de uma carência de estudo sobre o assunto e, de modo especial, aqueles que existem não tratam do surfe associado à escola. Ademais, trata-se de um esporte que pode ser tratado tanto como prática corporal, como desenvolvimento humano, como também em outras áreas.

4.2. Os saberes do surfe na formação inicial em educação física

Para que o surfe seja inserido no contexto da escola, existe uma necessidade de aprendizagem de conhecimentos específicos relacionados ao esporte, em que o mesmo tenha articulação com conhecimentos pedagógicos, para que assim, esse saber tenha inserção formativa na vida dos alunos, mais especificamente nas aulas de educação física.

Para tanto, se faz necessário que as instituições de ensino superior estejam engajadas com as necessidades advindas da escola, contribuindo para a formação de professores de educação física com saberes pertinentes para a futura atuação do docente nos diferentes contextos culturais. Martins Junior (2000) salienta que, o professor bem informado, bem preparado e, principalmente, motivado é um elemento importante para que a Educação Física Escolar seja mais interessante ao seu aluno.

Como sabemos que a formação dos professores se dá dentro das universidades, realizamos uma análise dos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura de duas universidades públicas de Florianópolis, a fim de identificar a presença dos conhecimentos sobre surfe.

Assim, realizamos a análise das ementas das disciplinas que compõem o currículo de licenciatura em educação física nas universidades públicas de Florianópolis, buscando identificar se o surfe está elencado em algum momento do

documento, ou visualizar em qual disciplina poderia se trabalhar este conhecimento nessas universidades.

Após a leitura completa, não foi encontrado nenhum dado específico ligado diretamente a palavra surfe nas ementas das instituições. Observamos uma aproximação do surfe em uma disciplina de cada projeto. Para a Universidade 1 podemos citar a seguinte disciplina obrigatória do curso como possível meio para o trato do conhecimento relativo ao surfe.

Disciplina: Educação física, ecologia e esportes de aventura – (Créditos – 02)

Ementa: Conceito, fontes, princípios e campo de aplicação da educação ambiental. Impacto ambiental e a atividade física. Função ecológica da educação. Estudo dos esportes de aventura, suas características, modalidades e seu desenvolvimento em âmbito educacional. Cuidados especiais na segurança de participantes e na manutenção de equipamentos.

Verificamos nesta ementa, a possibilidade de se trabalhar o esporte trazido como objeto neste estudo. O documento mostra que esta disciplina traz também em seu objetivo os esportes de aventura, suas características, modalidades e seu desenvolvimento em âmbito educacional, características observadas na prática do surfe.

No projeto pedagógico da Universidade 2, identificamos uma disciplina similar a anteriormente citada, que também consta como obrigatória no currículo do curso, em que o surfe se enquadra no que a ementa nos traz como conteúdo da disciplina.

Disciplina: DEF 5841 - Teoria e Metodologia dos Esportes de Aventura (72 horas/aula)

Ementa: Atividades físicas na natureza, de aventura e de equilíbrio na educação ambiental: classificação e perspectivas de intervenção. Fundamentação básica e vivência prática de diferentes atividades físicas ao ar livre. Prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.

Consideramos o surfe como uma atividade física na natureza e de caráter aventureiro, conseqüentemente o conteúdo deste esporte corresponde ao que se compreende na leitura desta ementa, existindo assim uma assimilação entre o que a disciplina propõe e o que o surfe apresenta em seu conteúdo, podendo assim ser trabalhado dentro das aulas da disciplina nesta instituição.

Vale destacar que as ementas citadas contemplam o currículo oficial assumido pelas instituições investigadas e que buscam atingir os objetivos propostos

pelas disciplinas. Mas ressaltamos que no cotidiano efetivo, o currículo pode receber modificações que vão ao encontro da autonomia didática docente, que toma como pressupostos diversos fatores, para além da ementa, para a seleção dos conteúdos, como a característica da turma e experiência docente. Dessa forma, o currículo real entra em ação.

Contudo, quando tratamos da elaboração de um currículo sabemos que a atribuição de valores é proporcional a característica docente, uma vez que a defesa de quais conhecimentos devem fazer parte do processo de formação é defendida de acordo com suas respectivas áreas de formação (PIZANI, 2011). Assim, evidentemente esse processo é permeado por diferentes ideologias e não há consenso sobre quais conhecimentos são mais pertinentes para a formação em educação física.

Indicamos nesse estudo a importância de se considerar a cultura local como fator imprescindível para tornar o currículo mais próximo da realidade social dos atores envolvidos.

4.3 Mapeamento das escolas de Florianópolis propícias para a inserção do surfe nas aulas de educação física

Mediante estes pressupostos, apontamos que a ilha oportuniza de forma propícia o desenvolvimento dos saberes relativos ao surfe. Isso porque, para exercício do surfe, o fator de maior importância é o mar, local onde ocorre a parte prática do conteúdo do surfe, como esse estudo se desenvolve em uma ilha com 42 praias, esta prática fica facilitada.

No entanto, como se trata do surfe com a educação, é necessário identificar o número de escolas onde essa prática pode ser efetivada, para isso buscou-se dados na Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e do estado de Santa Catarina, com o intuito de identificar a quantidade de escolas públicas na capital Catarinense, com proximidades do mar e àquelas próximas ao mar e com condições de surfe, de acordo com o que pode ser observado no Quadros 5 e 6:

Quadro 5: Relação de escolas municipais próximas ao mar.

Escolas Municipais	Bairro
EB Acácio Garibaldi Santana	Barra da Lagoa
EB Adotiva Liberato Valentim	Costeira do Pirajubaé (Baía)*
EB Almirante Carvalhal	Coqueiros (Baía)*
EB Anísio Teixeira	Costeira do Pirajubaé (Baía)*
EB Brigadeiro Eduardo Gomes	Campeche
EB Dilma Lúcia da Silva	Armação Pântano do Sul
EB Henrique veras	Lagoa da Conceição*
EB João Gonçalves Pinheiro	Rio Tavares
EB José Amaro Cordeiro	Morro das Pedras
EB José do Valle Pereira	João Paulo (Baía) *
EB Maria Tomázia Coelho	Santinho
EB Osmar Cunha	Canasvieiras
EB Osvaldo Machado	Ponta das Canas
EB Virgílio dos Reis Vázea	Canasvieras
ED Costa da Lagoa	Costa da Lagoa
ED Costa de Dentro	Costa de Dentro
ED João Francisco Garcez	Canto da Lagoa*
ED Jurerê	Jurerê
ED Lupercio B. da silva	Caeira daB.do Sul (Baía)
ED Marcolino José de Lima	Sambaqui
ED Retiro da Lagoa	Retiro da Lagoa

EB são escolas municipais de 1º ao 9º ano.

ED são escolas municipais de 1º ao 5º ano.

*Praias/Baía impróprias para banho (FATMA, 2017).

Quadro 6: Relação de escolas estaduais próximas ao mar.

Escolas Municipais	Bairro
EEB Presidente Roosevelt	Coqueiros Baía)*
EEB Aderbal Ramos da Silva	Estreito (Baía)*
EEB Padre Anchieta	Agromômica (Baía)*
EEM Jacó Anderle (Escola Jovem Norte)	Canasvieiras
EEM João Gonçalves Pinheiro (Escola Jovem Sul)	Fazenda Rio Tavares
EEB Julio da Costa Neves	Costeira do Pirajubaé (Baía)*
EEB Tenente Almachio	Tapera (Baía)
EEB Dom Jaime de Barros Câmara	Ribeirão da Ilha (Baía)
EEB Severo Honorato da Costa	Pântano do Sul
EEB Porto do Rio Tavares	Fazenda Rio Tavares

EEB são escolas estaduais de 1º ano até o ensino médio.

EEM são escolas estaduais só com ensino médio.

*Praias/Baía impróprias para banho (FATMA, 2017).

Para uma melhor compreensão em relação ao quantitativo de escolas, segue quadro 7 com uma síntese em que podemos traçar um comparativo entre o total de escolas públicas e o número de escolas próximas ao mar/baía com condição de surfe.

Quadro 7: Síntese do quantitativo de escolas.

Categorias	N
Total de escolas públicas	69
Escolas municipais	27
Escolas estaduais	42
Escolas próximas ao mar/baía	31
Escolas próximas ao mar/baía próprias para banho	21
Escolas próximas ao mar com condição de surfe	11

Ao se analisar pelo ponto geográfico, todas as escolas de Florianópolis possuem aproximação com águas marítimas, porém estão elencadas no Quadro 5, apenas escolas que tem condições de chegar a praia em um curto período de tempo, sem necessidade de transporte, sendo possível se deslocar a pé.

Observa-se, de acordo com os dados levantados, um elevado número de escolas com proximidades ao mar/baía com condições de banho, desta forma, diversos tipos de esportes aquáticos poderiam ser trabalhados nestes locais, tais como o *stand-up paddle*, surfe, *body board*, surfe de peito, natação, no entanto, um dos maiores prazeres sentidos na iniciação do surfe, é conseguir equilibrar-se em pé em cima da prancha sendo deslocado por uma onda.

Observamos 11 escolas próximas ao mar com condições de surfe em Florianópolis, totalizando 15,9%. Tratando da realidade local, esse dado torna-se expressivo, visto que, denota a possibilidade de inserção do surfe como conhecimento a ser discutido e vivenciado nas aulas de educação física.

Ainda vale o destaque que, 30,4% (n=21) das escolas próximas ao mar/baía apresenta condições próprias para banho, revelando uma possibilidade ainda maior para o trabalho com outras manifestações que se assemelham ao surfe, como o *stand-up paddle*.

Ressaltamos ainda a possibilidade de se utilizar um meio de transporte para as atividades práticas no qual necessitam exclusivamente do mar para se acontecer, sendo que grande parte das escolas ficam ao menos próximo de alguma praia para a prática do surfe, pois moramos em uma cidade cercada por águas marítimas.

Desta forma, notamos que existem inúmeros pontos que favorecem o trabalho com o surfe ou outro esporte realizado em praias, nas escolas da capital catarinense, para isso apresentaremos uma possível maneira de organizar os conteúdos para o ensino dessa manifestação no âmbito escolar.

4.4 Uma proposta para inserção do surfe nas aulas de educação Física em escolas de educação básica de Florianópolis

Mediante os pressupostos apresentados e experiência com o tema abordado, indicamos diversos benefícios e fatores positivos relacionados ao surfe. E assim, reafirmamos a importância dessa manifestação ser tratada como um conhecimento no currículo escolar. Isso porque, corroboramos com Santomé (1998), ao passo que o autor defende que a seriedade do impacto educacional ao planejar o currículo de maneira a evidenciar o compromisso e as crenças acerca das funções a serem desempenhadas pela educação. A criação ou modificação de determinado sistema tem a finalidade de contribuir para a formação dos alunos com a finalidade de torná-los capazes a assumir seus compromissos, isto é, prepará-los para enfrentar as responsabilidades, sendo autônomos, solidários e democráticos.

Esse objetivo educacional é algo que deve condicionar a tomada de decisões no planejamento, desenvolvimento e avaliação de um currículo. Um currículo não é uma proposta que se encerra em si mesma, mas sua validade é assegurada mediante a utilidade perante os propósitos educacionais de uma sociedade democrática (SANTOMÉ, 1998).

As inovações mais progressistas sobre a educação têm procurado desenvolver metodologias ou modelos interdisciplinares de currículos e organização dos conteúdos, em que os processos de ensino e aprendizagem observem com mais atenção a problemas e conteúdos selecionados, visto que o principal filtro seletivo se observa nas peculiaridades, esquemas e conteúdos prévios das pessoas que aprendem (SANTOMÉ, 1998).

Nesse sentido, ao tratarmos de currículo, no contexto nacional citamos os Parâmetros Curriculares Nacionais, que apresenta uma prévia dos conteúdos que a educação física propõe, tais conteúdos estão organizados de maneira a facilitar o ensino da disciplina. Demonstra esse documento, a importância da disciplina de Educação Física, pois:

Para boa parte das pessoas que frequentaram a escola, a lembrança das aulas de Educação Física é marcante: para alguns, uma experiência prazerosa, de sucesso, de muitas vitórias; para outros, uma memória amarga, de sensação de incompetência, de falta de jeito, de medo de errar...

O documento de Educação Física traz uma proposta que procura democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Incorpora, de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática da Educação Física nas escolas (BRASIL, 1997, p. 15).

Nessa direção, a Lei de Diretrizes e Bases, apresenta alguns conteúdos a serem trabalhados no ensino escolar, regulamentando a educação básica no Brasil, sendo a Educação Física considerada obrigatória como, de acordo com o disposto em seu Artigo 26 § 3º.

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física.

De acordo com os PCNs a educação básica se divide em ensino fundamental e médio: ensino fundamental - 1º ao 9º ano; ensino médio - 1º ao 3º ano. Nessa divisão tem-se uma subdivisão em que se encontram os seguintes ciclos: no 1º ciclo (1º e 2º anos), o 2º ciclo (3º e 4º anos); 3º ciclo (5º e 6º anos); e 4º ciclo (7º ao 9º ano)³.

De acordo com os PCNs, no que se refere à Educação Física, é destacado que o trabalho dessa disciplina tem seus fundamentos nas concepções de corpo e movimento. Ou seja, a natureza do trabalho desenvolvido nessa área tem íntima relação com a compreensão que se tem desses dois conceitos. Por suas origens militares e médicas e por seu atrelamento quase servil aos mecanismos de manutenção do *status quo* vigente na história brasileira, tanto a prática como a

³ No 4º ciclo fizemos a junção do 9º ano, pois os PCNs são anteriores a essa nova configuração da educação básica.

reflexão teórica no campo da Educação Física restringiram os conceitos de corpo e movimento - fundamentos de seu trabalho - aos seus aspectos fisiológicos e técnicos (BRASIL, 2002).

Na atualidade, a análise crítica e a busca de superação desse entendimento apontam a importância de se considerar as dimensões cultural, social, política e afetiva, que são observadas no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e cidadãos.

Buscando uma compreensão que melhor contemple a complexidade da questão, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais adotou a distinção entre organismo - um sistema estritamente fisiológico e corpo - que se relaciona dentro de um contexto sociocultural – e aborda os conteúdos da Educação Física como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. Portanto, a presente proposta entende a Educação Física como uma cultura corporal (BRASIL, 1997, p. 22-23).

As práticas corporais, particulares às aulas de Educação Física, são apresentadas na forma de jogos, brincadeiras, ginásticas, lutas, esportes, danças e expressões alternativas. A esse conjunto de atividades, culturalmente produzidas e historicamente situadas, denominou-se de cultura corporal. Assim, as aulas de Educação Física trazem consigo “a difícil missão de superar a perspectiva de simples hora de lazer ou mera prática esportiva, constituindo-se como um trabalho que tematiza a cultura corporal, encarada como linguagem” (BRASIL, 2002, p. 146).

Define-se assim, que a Educação Física no contexto escolar deve ultrapassar a ideia de voltar-se exclusivamente para o ensino do gesto motor correto. “Num paralelo com as aulas de Português, seria o mesmo que insistir exclusivamente em trabalhos escolares voltados para a mera análise gramatical, morfológica ou sintática” (BRASIL, 2002, p. 146). Destaque-se, de acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), que o domínio desses conhecimentos não garante a concepção total dos mecanismos da língua, tanto quanto o aprendizado exclusivo dos gestos técnicos não garante a compreensão global da linguagem corporal, embora esta tenha nos gestos técnicos alguns de seus elementos constituintes.

Os PCNEM, destacam que a Educação Física deve considerar a observação, análise e conceituação de elementos que compõem a totalidade da

conduta humana, ou seja, a avaliação deve estar voltada para a aquisição de competências, habilidades, conhecimentos e atitude dos alunos.

Essa disciplina deve abranger as dimensões cognitiva (competências e conhecimentos), motora (capacidades físicas) e atitudinal (valores), verificando a capacidade que o aluno possui para expressar sua sistematização dos conhecimentos relativos à cultura corporal em diferentes linguagens – corporal, escrita e falada.

Ainda que essas três dimensões apareçam integradas no processo de aprendizagem, nos momentos de formalização a avaliação pode enfatizar uma ou outra delas. Esse é outro motivo para a diversificação dos instrumentos, de acordo com as situações e objetivos do ensino (BRASIL, 2002).

É importante observar que nem todos os saberes e formas culturais são suscetíveis de fazer parte como conteúdos curriculares, o que exige uma importante seleção da escola (LIBÂNEO, 1994). Dessa forma, conteúdos formam a base objetiva da instrução - conhecimento sistematizado e são viabilizados pelos métodos de transmissão e assimilação (COLL *et al*, 2000).

Libâneo (1994), entende ainda que, conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados tanto pedagógica quanto didaticamente, devendo-se observar a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

É preciso ampliar o conceito de conteúdo e passar a referenciá-lo como tudo quanto é necessário aprender, que não abrangem somente as capacidades cognitivas, como incluem as demais capacidades. Assim, poderá ser incluso, de forma explícita nos programas de ensino, o que antes estava apenas no currículo oculto⁴.

Esta classificação, de acordo com Zabala (1998) corresponde às seguintes questões: “o que se deve saber?” (dimensão conceitual); “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental); e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal), com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais. Tem-se assim, quando se opta por uma definição de conteúdos tão ampla, não restrita aos conceitos, acaba-se por permitir que este currículo oculto possa se tornar manifesto e avaliado em relação a sua pertinência como conteúdo de aprendizagem e de ensino.

⁴ Por currículo oculto, entende-se aquelas aprendizagens que se realizam na escola, mas que não aparecem de forma explícita nos programas de ensino (ZABALA, 1998).

Com base nesse entendimento, apresentamos uma possível proposta para a inserção e trato no surfe na educação física escolar. Para tanto, indicamos que sejam observadas as dimensões conceitual, procedimental, tal como se observa no quadro 8.

Quadro 8: Proposta para inserção e trato do surfe na educação física escolar.

Conceitual	Procedimental	Atitudinal
Histórico do surfe	Fundamentos básicos para a prática do surfe	Relacionamento entre surfista e natureza
Principais campeonatos de surfe	Prática dentro de um meio líquido	Relacionamento surfista e demais praticantes de esportes aquáticos
Equipamentos de surfe	Prática dentro do mar	
Conhecimento da natureza para a prática e segurança	Avanço nos fundamentos básicos	
Principais atletas	Manobras	
	Leitura do mar	

De acordo com Darido (2012, p. 52-53), quanto à dimensão conceitual, se deve:

- Conhecer as transformações por que passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em função das novas tecnologias) e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física.
- Conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes. Por exemplo, que o futebol era jogado apenas na elite no seu início no país, que o voleibol mudou as suas regras em função da Televisão etc.
- Conhecer os modos corretos da execução de vários exercícios e práticas corporais cotidianas, tais como: levantar um objeto do chão, sentar-se à frente do computador, realizar um exercício abdominal adequadamente etc.

Assim, apresenta-se como orientação para a dimensão conceitual, se apresentar aos alunos:

- Histórico do surfe: trabalhar com a história do surfe mundial, nacional e regional, mostrando o surgimento deste esporte e os caminhos que o mesmo percorreu até ser conhecido dentro de Florianópolis.
- Principais campeonatos de surfe: Mostrar aos alunos os principais campeonatos existentes em Florianópolis, Santa Catarina, no Brasil e a nível mundial, e, como funcionam estes campeonatos.
- Equipamentos de surfe: Quais os equipamentos necessários para a prática do surfe, modificações de equipamentos de acordo com a evolução do

praticante, vestimentas necessárias de acordo com o local onde o esporte é praticado, além dos equipamentos facultativos.

- Conhecimento da natureza para a prática desse esporte: Aprender os principais perigos que o mar tem, saber analisar os ventos que favorecem a prática em determinadas praias, aprender as correntes marítimas que influenciam na formação das ondas e ver qual tipo de ondulação origina uma melhor formação de acordo com a localização das praias de Florianópolis.
- Principais Atletas: Apresentar aos alunos os principais atletas do Brasil e do mundo que contribuíram para o crescimento do surfe.

No que se refere a dimensão procedimental, Darido (2012, p. 53) apresenta:

- Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira. Por exemplo, praticar a ginga e a roda da capoeira.
- Vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados às danças, como as danças de salão, regional e outras.
- Vivenciar situações de brincadeiras e jogos.

Para tanto, apresenta-se como orientação procedimental as seguintes análises a serem desenvolvidas:

- Fundamentos básicos para a prática do surfe: posicionamento em decúbito ventral em cima da prancha, aprender a fazer o movimento da remada, fazer o movimento da remada e ficar em pé na prancha, visualizar se o aluno é regular ou *goofy*.
- Prática dentro de um meio líquido: equilibra-se deitado na prancha e remar, remar e ficar em pé sobre uma prancha, ficar sentado em cima da prancha, fazer o movimento do joelhinho para furar uma onda.
- Prática dentro do mar: fazer a remada dentro do mar, remar para pegar uma onda e ficar em pé na prancha mantendo o equilíbrio, fazer o joelhinho para furar a onda, passar a arrebentação.
- Avanço nos fundamentos básicos: passar a arrebentação, analisar qual lado da onda irá proporcionar melhor parede, remar, dropar, ficar em pé, mudar a direção da prancha, acelerar a prancha na parede da onda.
- Manobras: rasgada, batida no *lipe*, tubo, 360º, *floater*, *cutback*, aéreo, cavada.
- Leitura do mar: aprender a visualizar em qual ponto da praia a bancada está proporcionando melhores ondas.

No que se refere à dimensão atitudinal, Darido (2012, p. 53) destaca:

- Valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto.
- Respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência.
- Predispor a participar de atividades em grupos, cooperando e interagindo.
- Reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras.

Assim, apresenta-se como temas a serem tratados na dimensão atitudinal nas escolas básicas:

- Relacionamento entre surfista e natureza: Saber respeitar a natureza, não jogando lixo nas praias, não raspando parafina e jogando a mesma na água do mar, não utilizar a restinga como caminho até a praia, não levar animais para a praia.
- Relacionamento surfista e demais praticantes de esportes aquáticos: Saber respeitar os seus companheiros de surfe, não entrar na onda de um companheiro, saber respeitar a tradição de cada praia que você irá e os locais da mesma, em época de tainha não surfar em pontos que não sejam liberados.

Darido (2012) destaca que, na prática docente, não existem meios de dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora seja possível algumas ênfases em determinadas dimensões. Por exemplo, o professor solicita aos alunos para realizarem o aquecimento no início de uma aula, enquanto esses movimentos são executados, o professor explica-lhes qual é a importância desses, o objetivo do aquecimento, quais grupos musculares estão sendo exigidos, entre outras informações. Dessa maneira, tanto a dimensão procedimental, como a conceitual são envolvidas na atividade.

Entretanto, a Educação Física, ao longo de sua história, priorizou os conteúdos em uma dimensão quase que tão-somente procedimental, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal ou como se deve ser.

Como forma de fundamentar esse aprendizado, apresenta-se sugestões de ensino para cada ciclo de aprendizado, de acordo com o quadro 9 e seguintes. Para melhor entendimento, organizaram-se os saberes listados de acordo com cada ciclo além do ensino médio. Porém, é importante destacar que a proposta não deve ser entendida como única e fechada, apresenta-se, porém, como uma possibilidade de sistematização e de trato metodológico desses conhecimentos para a educação

básica, devendo ser adaptado a cada realidade escolar, com base na geolocalização de cada entidade de ensino.

Quadro 9: Proposta para inserção e trato do surfe no 1º e 2º ciclo.

Serição	Surfe	Conhecimentos
1º e 2º ciclo	Conteúdo do surfe a ser trabalhado	Fundamentos básicos do surfe: trabalhar o equilíbrio, remada e subida na prancha na escola, contato com o meio líquido, trabalhar equilíbrio remada e subida na prancha dentro de uma piscina, mostrar os equipamentos para a prática, utilizar os equipamentos.
		Atividades práticas: brincadeiras com skate para equilíbrio, simulação de remada, aula em meio líquido com equipamentos de surfe, vídeo aula mostrando onde acontece o surfe e como são os movimentos da remada e subida na prancha.
		Visitas de campo: Fazer visitas às praias de Florianópolis, conhecer os locais para a prática, com equipamentos de segurança entrar no mar, utilizar alguma lagoa para trabalhar o equilíbrio e a remada.
		Manipulação de equipamentos: Conhecer os equipamentos utilizados no surfe, levar estes aparelhos a uma piscina ou alguma lagoa para serem utilizados.

Os procedimentos didáticos que se desdobraram da problematização central referem-se à especificidade dos conteúdos trabalhados e à importância dos jogos e brincadeiras para as crianças, que podem e devem exercer sua capacidade de compreendê-los e reestruturá-los de forma autônoma (VAZ; PETERS; LOSSO, 2002). Dessa forma, seriam utilizadas brincadeiras para a primeira aproximação do surfe na escola, utilizando o skate como adaptações dentro do espaço físico escolar, e por meio das brincadeiras, seriam apresentados os primeiros fundamentos básicos do surfe. Indica-se também que se façam visitas de campo para conhecimento das praias de Florianópolis e piscinas em instituições públicas para um contato com o meio líquido.

No segundo ciclo poucas mudanças relacionadas aos conteúdos, porém nesta idade, com segurança, já é possível utilizar lagoas e piscinas para maior aproximação dos equipamentos de surfe em meio líquido, utilizando-se de pranchas de *body board*, pranchões com maior flutuação em lagoas ou piscinas, o que facilitaria os movimentos de subida na prancha, equilíbrio e remada.

Como complementação, além das visitas de campo, podem ser utilizados vídeo-aulas, para que os alunos visualizassem como ocorrem os movimentos básicos no início do surfe, levando os equipamentos também para o ambiente escolar para serem tocados e explorados pelas crianças.

São citados diversos conteúdos que podem ser desenvolvidos no 1º e 2º ciclos, pois disponibilizam a assimilação do conteúdo com as dimensões citadas, quando são levados para a sala de aula equipamentos de surfe como, prancha, quilhas, *leash*, capa, *deck*, parafina e demonstra-se a finalidade prática de cada objeto, como, por exemplo, a parafina, que é utilizada para o surfista não escorregar e manter o equilíbrio sob a prancha, já que a prancha é utilizada com o surfista deitado ou em pé, ou ainda, quando em uma saída de campo mostra-se aos alunos o ambiente onde ocorre o surfe, tal fato se está na dimensão conceitual.

De acordo com Darido (2012) estas dimensões estão interligadas, tendo predominância de uma em momentos diferentes dos conteúdos e ciclos que se está trabalhando, são listadas nesta fase de aprendizagem diversas atividades de natureza procedimental, onde as crianças realizam atividades de equilíbrios, remada, atividades de simulação no skate, mas também, apresentam características conceitual, assim as dimensões trabalham de forma conjunta com os conteúdos não só neste ciclo, mas também nos próximos a serem observados.

Admite-se assim, de acordo com Pozo e Crespo (2009, p. 82) que: “Uma pessoa adquire um conceito quando é capaz de dotar de significado um material ou uma informação que lhe é apresentada, ou seja, quando “compreende” esse material; e compreender seria equivalente, mais ou menos, a traduzir algo para suas próprias palavras”.

Ademais, Fagundes e Rosa (2014, p. 1198), sobre os conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais destacam que:

[...] os procedimentos ocupam um lugar relevante por que tornam os alunos participantes dos próprios processos de construção e apropriação do conhecimento. Estes consistem em substituir o aprendizado das técnicas pelo desenvolvimento de estratégias de pensamento. Com a mesma importância os conteúdos atitudinais passam a ser reconhecidos como uma parte constitutiva do currículo. O trabalho em equipe e a divulgação das próprias produções se constituem em espaços de diálogo que exigem dos alunos a interiorização de novas formas de comportamento valorizando o desenvolvimento de atitudes e valores.

Essas são, porém, as propostas a serem trabalhadas no primeiro e segundo ciclos, levando-se em conta os conteúdos propostos pelo PCN.

Quadro 10: Proposta para inserção e trato do surfe no 3º ciclo.

Serição	Surfe	Conhecimentos
3º ciclo	Conteúdo do surfe a ser trabalhado	Fundamentos básicos do surfe: trabalhar o equilíbrio na escola, remada e equilíbrio dentro de uma piscina, remar e equilibra-se utilizando <i>stand-up paddle</i> .
		Histórico do surfe: conhecimento do surgimento do surfe no mundo, Brasil e em Florianópolis.
		Segurança: conteúdo sobre segurança marítima
		Atividades práticas: Atividades com skate para equilíbrio, simulação de surfe em ambiente escolar, aula em meio líquido com equipamentos de surfe, aula de surfe na praia.
		Visitas de campo: Fazer visitas as praias de Florianópolis, utilizar o mar para a prática, utilizar alguma lagoa o <i>stand-up paddle</i> .
		Manipulação de equipamentos: Conhecer os equipamentos utilizados no surfe, utilizar os equipamentos em lagoa e praia.

Após contato inicial com os equipamentos, visitas as praias, entrada no meio líquido, sugere-se que sejam trabalhados os conteúdos históricos do surfe em âmbito mundial, nacional e regional, com a utilização de equipamentos eletrônicos, como vídeos e filmes, apresenta-se uma síntese como nasceu e evoluiu o surfe até chegar as praias da ilha de Florianópolis.

Antes de acessar as praias para a prática desse esporte, é necessário conhecimento de como o mar funciona, quem são as pessoas responsáveis pela segurança naquele ambiente, os alertas e perigos que podem ser verificados antecipadamente, aprender a identificar e saber quais os pontos que não estão com perigos para os banhistas através das bandeiras de informações dos salva-vidas.

Com cautela e com a presença de auxiliares, nesse ciclo parece ser o mais conveniente para se apresentar aos alunos a parte prática do surfe, nas partes mais rasas do mar para surfar, e pranchas de isopor para evitar acidente entre os alunos.

Destaca-se ainda que no quadro 10 são verificadas as 3 dimensões dos conteúdos propostos para o ensino nas aulas de educação física escolar, isto fica bem nítido quando formos trabalhar com a questão da segurança nas praias, ao ensinar quem são salva-vidas e que eles são responsáveis por oferecem a segurança da praia fazendo salvamento, colocando as bandeiras e que cada cor de bandeira tem um significado.

Quando se der uma saída de campo para a praia onde ocorreram as atividades com pranchas, na dimensão procedimental, as crianças ao se depararem com uma bandeira vermelha, deverão ter condições de respeito às informações apresentadas e junto com o professor procurar um local com bandeira verde, o que sinaliza um local com poucos riscos de acidente, assim verificamos as três dimensões dentro de um mesmo conteúdo a ser trabalhado.

Isso corrobora com o apresentado pelos PCNs, uma vez que esse documento enfatiza que os conteúdos conceituais e procedimentais conservam grande proximidade, uma vez que o objeto central da cultura corporal de movimento se situa em torno do fazer, do compreender e da percepção corporal. Os conteúdos atitudinais assinalam para a necessidade de os alunos vivenciarem de modo concreto nas escolas, buscando a construção de valores e atitudes (BRASIL, 1998).

Quadro 11: Proposta para inserção e trato do surfe no 4º ciclo.

Serição	Surfe	Conhecimentos
4º ciclo	Conteúdo do surfe a ser trabalhado	Fundamentos básicos do surfe: trabalhar o equilíbrio na escola, remada e equilíbrio dentro de uma piscina, remar e equilibra-se utilizando <i>stand-up paddle</i> .
		Histórico do surfe: conhecimento do surgimento do surfe no mundo, Brasil e em Florianópolis.
		Conhecimento da natureza: conhecer ventos, praias, tipos de bancadas e ondulações.
		Segurança: conteúdo sobre segurança marítima
		Atividades práticas: Atividades em praias, lagoas e piscinas utilizando os equipamentos para evolução no surfe.
		Visitas de campo: Fazer visitas as praias de Florianópolis, utilizar o mar para a prática, utilizar lagoa e piscinas com equipamentos para melhorar os fundamentos básicos.
		Manipulação de equipamentos: utilizar os equipamentos em praias, lagoas e piscinas.

No quarto ciclo as atividades nas praias podem ser mais constantes, já que serão trabalhados com os alunos os devidos conteúdos de segurança, além disso, trata-se de uma extensão do conteúdo ensinados nos ciclos anteriores, considerando-se sempre as cautelas a serem tomadas em relação ao mar, é

possível nessa fase aumentar o número de saídas de campo e fazer maior uso da praia como espaço físico para as aulas de educação física. Importante ainda esclarecer, que nem sempre a natureza proporciona as melhores condições para a prática do surfe, a adaptação, nestes dias, pode ser feita com atividades envolvendo skate, vídeo aula, aprofundamento dos ensinamentos referentes aos cuidados com o mar os perigos provenientes da exposição excessiva ao sol, além de fazer demonstração dos diversos tipos de equipamentos no mundo do surfe atual, sejam as pranchas, quilhas, vestimentas, produção de pranchas, *leash*, *deck* entre outros equipamentos que fizeram a evolução do surfe.

Incorpora-se nesse ciclo ainda o aprendizado sobre os ventos, ondulações e bancadas, conteúdos onde o aluno absorve conhecimento não só para analisar o vento que sopra naquele dia e em qual praia aquele vento favorece a formação das ondas, mas conhecimento que poderá ser utilizado para outras atividades, que fará parte do cotidiano do aluno, propósito basilar da educação, que é aprender para a vida.

Assim, se observa a predominância conceitual e atitudinal, quando se trabalha com tais conteúdos, no entanto, isso não significa que as aulas serão monótonas e não ocorreram atividades na dimensão procedimental, apenas utilizando de conteúdos que irão auxiliar os alunos para melhor entendimento da realização das atividades práticas, como salientam Barroso e Darido (2009, p. 283)

Em nenhum momento estaremos abdicando o ensino de movimentos, referentes à dimensão procedimental dos conteúdos; ao contrário, vemos cada vez mais a necessidade de estruturarmos formas adequadas para o seu desenvolvimento. O que defendemos é a ideia da incorporação de novos aspectos, como um melhor entendimento do porquê de estarmos realizando determinado movimento, uma maior reflexão sobre o fenômeno esporte e discussões sobre as atitudes e as condutas de comportamentos.

Quadro 12: Proposta para inserção e trato do surfe no ensino médio.

Serição	Surfe	Conhecimentos
Ensino médio	Conteúdo do surfe a ser trabalhado	Fundamentos básicos do surfe: trabalhar o equilíbrio na escola, remada e equilíbrio dentro de uma piscina, remar e equilibra-se utilizando <i>stand-up</i> .
		Manobras: Mostrar as manobras do surfe.
		Campeonatos e atletas: Conhecer os principais atletas e campeonatos do mundo do surfe.
		Segurança: conteúdo sobre segurança marítima
		Relação natureza e demais praticantes: A cultura do surfe com a natureza e os demais praticantes da modalidade.
		Histórico do surfe: conhecimento do surgimento do surfe no mundo, Brasil e em Florianópolis.
		Conhecimento da natureza: conhecer ventos, praias, tipos de bancadas e ondulações.
		Atividades práticas: Atividades em praias, lagoas e piscinas utilizando os equipamentos para evolução no surfe, técnicas para manobras.
		Visitas de campo: Fazer visitas às praias de Florianópolis, utilizar o mar para a prática, utilizar lagoa e piscinas com equipamentos para melhorar os fundamentos básicos.
Manipulação de equipamentos: utilizar os equipamentos em praias, lagoas e piscinas.		

Nos três últimos anos do ensino básico, o número de conteúdos que a serem trabalhados na escola apresenta um leve aumento, e muitos destes conteúdos são repetição de outros ciclos, porém possuem especificidades diferentes. No ensino médio é sugerido mostrar como funcionam as formas de disputas dos principais campeonatos de surfe no mundo, no Brasil e em Santa Catarina, de igual maneira, as atividades na praia também devem ser constantes, com destaque para as aulas relacionadas as condições climáticas e aos ventos, além das influências dos ventos sobre a formação das ondas, conhecimento das melhores praias, bancadas e ondulações, possibilitando que os alunos consigam verificar quais são os locais mais propícios para a prática naquele dia, mostrar quais sites onde são disponibilizados os boletins diários de surfe.

Propõem-se tratar neste ciclo, as relações do praticante com a natureza e os demais colegas surfistas, uma vez que a natureza é indispensável para a prática do surfe, sendo importante que os alunos tenham o máximo de respeito com o ambiente natural, não levando animais para as praias, não utilizando das restingas como local de passagem até a praia, não jogando lixo e recolhendo o lixo deixado por outras pessoas na praia.

Outro ponto bastante importante que deve ser trabalhado refere-se a relação entre os surfistas, a localidade é muito forte dentro das praias de Florianópolis, para evitar qualquer tipo de problemas, é preciso salientar que existem preferências para pegar uma onda, respeitar os nativos daquele local, para que haja harmonia e paz sempre entre todos os frequentadores que desfrutam do mar para se divertir.

Verifica-se neste ponto aspectos relacionados a dimensão atitudinal, sobre esta dimensão Barroso e Darido (2009) salientam a importância de uma formação que busque a autonomia, onde são salientados valores e condutas de comportamentos, como participação, socialização, coeducação, respeito, cooperação, emancipação, igualdade e convivência, assim trabalhando conteúdos importantes para a sociedade e para a formação de cidadãos de bem, tendo atitudes respeitadas com o meio ambiente, que será necessário no decorrer da sua vida e principalmente a relação com o outro, sabendo respeitar e tomar atitudes que não causará prejuízos a terceiros e nem a si mesmo.

Apresentando estes conteúdos e interligando com as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, verificamos que é preciso ensinar mais que movimentos técnicos do surfe, mas também conteúdos que servirão para a formação crítica dos estudantes, levando o aluno a questionar, discutir e entender o real motivo de estar fazendo aquele movimento.

A Educação Física, como disciplina escolar, deverá propiciar aos alunos que ordenem, articuladamente, os dados de experiências comuns além de ter a compreensão da linguagem corporal como interação social que amplia o reconhecimento do outro e de si próprio, instrumento do entendimento mútuo (BRASIL, 2002). Assim sendo, procurou-se apresentar atividades propícias a cada

4.5 Possíveis limitações e alternativas para a inserção do surfe na educação física escolar

Podemos considerar a inserção do surfe nas aulas de educação física escolar uma mudança na forma tradicionalista da maioria das aulas nos ambientes escolares, em que os esportes como vôlei, futsal, basquetebol e handebol tem a sua predominância nos conteúdos das aulas durante o ano. Porém, para essa mudança ocorrer existem algumas possíveis limitações, sabemos que o mar é um espaço físico que proporciona alguns perigos, e não seria nada fácil apenas um professor

reunir uma turma com mais de 30 alunos e se deslocarem até a praia para uma aula de surfe. Sabemos que existem nas escolas uma “cultura do medo”, uma compreensão generalizada de que o espaço “de dentro” é seguro, enquanto o exterior é perigoso e potencialmente arriscado (COSTA, 2015).

Para conseguirmos driblar essa cultura, principalmente se tratando de mar, indicamos como alternativa, o estabelecimento de parcerias com escolas de surfe que acontecem nas praias de Florianópolis, onde teríamos mais profissionais nos momentos das aulas, dando uma maior segurança aos alunos praticantes.

Outra limitação que poderíamos citar, seria a questão dos materiais para o surfe, uma vez que estes apresentam um alto valor para aquisição, indicamos novamente a parceria com as escolas de surfe como uma alternativa, visto que estas possuem pranchas e outros equipamentos necessários.

Vale destacar a importância de buscar fomento para aquisição de materiais para as aulas de educação física escolar. Desse modo, é importante procurar a secretaria de educação junto a fundação municipal de esportes para verificar a possível liberação de verba para a compra destes materiais para a escola, caso não tenha êxito em nenhum destes processos, uma possível reunião com pais e professores para organizar algum tipo de evento que gere uma quantia financeira para a compra destes materiais seria de grande valia para o momento.

Há indícios de que a sensação de insegurança, além de uma dimensão material, possui também um componente simbólico, tendo em vista que, entre outros elementos, o próprio discurso governamental é de que as crianças devem estar na escola para que não estejam “nas ruas”, soltas, correndo riscos que, em tese, não existem no interior de seus muros (COSTA, 2015). De fato, a escolha de um tema ligado a praia, mar, lagoas, em geral ao meio líquido já seria um ponto de preocupação maior para o desenvolver das aulas de educação física, pois a cultura do medo está impregnada no ambiente escolar, isto acaba muitas vezes afastando o conhecimento dos alunos, da escola e também dos professores. Interessante que a preocupação não está restrita à possibilidade de saídas do terreno das escolas, mas até mesmo na escolha dos ambientes preferidos para a ministração das aulas (COSTA, 2015).

Para romper com esta insegurança, a busca de articulação dentro da própria escola é imprescindível para o sucesso de uma mudança de cultura. Nesse caso, o trabalho interdisciplinar contribuiria em diversos sentidos: 1) seria proveitoso para o

aluno aprender, por exemplo, geografia, ciências e física na prática; 2) aumentaria o número de professores assessorando a saída dos alunos da escola; e 3) fortalecimento da possibilidade de associação entre educação física e outras disciplinas escolares, o que seria um avanço para mudança de cultura no interior das escolas.

Notificamos algumas das limitações que farão parte do processo de seleção do surfe com conhecimento da educação física escolar, e estas talvez constituem as principais causas para que o surfe não se faça presente nesse contexto. Contudo, é importante que os professores inseridos nas escolas repensem a necessidade de transformação didático-pedagógica para que a formação integral dos alunos seja o ponto principal na escolha dos conteúdos e como estes serão tratados durante toda a vida escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola se apresenta como lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento, essa unidade precisa acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotando e concomitantemente apoiando as exigências interdisciplinares que fazem parte da construção de novos conhecimentos.

Destarte, nesse contexto ainda se observam o pouco desenvolvimento educacional, de experiências interdisciplinares, ainda que se tenha um esforço nessa direção. As razões para essas limitações podem ser facilmente identificadas, uma vez que o modelo disciplinar não se encontra conectado de maneira adequada a formação nas universidades, a forma fragmentária como se estruturam os currículos, a lógica funcional e racionalista que o poder público e a iniciativa privada utilizam para organizar seus quadros de pessoal técnico e docente, além da resistência dos educadores quando questionados sobre os limites, a importância e a relevância de sua disciplina, além das exigências de determinados setores da sociedade em um saber cada vez mais utilitário. Para mudar esse quadro, é necessário que pesquisas sejam voltadas com o intento de mudar essa realidade, novas técnicas, novas possibilidades sejam apresentadas.

Nesse contexto, se apresenta a prática do surfe, que por definição, é um esporte que deve ser praticado na natureza, em que o atleta faz uso de uma prancha para se deslocar em direção à praia, fazendo uso das forças propulsivas naturais contidas nas ondas. As características desse esporte denotam do praticante um nível superior de percepção, decisão e de ajustamento motor ao meio líquido e ao equipamento (prancha), em decorrência da complexidade desse esporte, em especial ao jovem durante a aprendizagem.

Esse estudo apresentou como objetivo identificar publicações que tratassem do ensino do surfe, para com isso apresentar uma proposta de viabilidade de ensino dessa prática nas escolas públicas de Florianópolis/SC. No entanto, foi possível observar o baixo número de publicações referentes ao ensino de surfe nas escolas.

Dessa forma, o desenvolvimento de trabalhos específicos junto ao público especializado em educação física e esporte torna-se essencial para a evolução do surfe, uma vez que esse esporte tem se apresentado como uma modalidade esportiva popular.

Considerando a popularização desse esporte, se recomendou nesse estudo a elaboração de uma proposta dos conhecimentos sobre surfe necessários à educação física escolar, para tanto, apresentou uma sequência de estudos possíveis, com base nos conteúdos procedimentais, atitudinais e conceituais em cada ciclo de aprendizagem a ser apresentado ao aluno, sempre se observando a geolocalização da escola.

Destaque-se nesse contexto que o componente curricular na Educação Física deve abordar o ensino de movimentos (dimensão procedimental), entretanto deve ir além, incluindo atitudes onde os alunos devam ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). É preciso ainda que aluno aprenda o porquê de estar realizando determinado movimento (dimensão conceitual). No entanto, não se percebe a necessidade de se realizar uma divisão das dimensões dos conteúdos durante a prática docente, elas podem se manifestar de forma inter-relacionada, ainda que possa ocorrer ênfase em determinados momentos. Observou-se que os PCNs direcionam o trabalho para uma coligação entre as dimensões, entendendo que se constitui um intermitente diálogo entre o fazer, o pensar e o sentir, em tudo que envolve a cultura corporal de movimento.

Ademais, destaca-se o profissional de Educação Física, que desempenha papel de educador, circunstância vinculada ao seu conhecimento prático, fazendo da escola o seu campo de experiência. O professor distingue-se por inclinação, tendência criativa e apreciação crítica além de possuir conhecimento filosófico, pedagógico e sociológico. Para isto, o professor deverá ter uma sólida formação cultural, para poder desenvolver valores morais apurados, o senso de responsabilidade, o amor à verdade, a sensibilidade individual e social, além da consideração pela personalidade humana.

Vale destacar que ao professor de Educação Física, não se restringe apenas conhecimentos relativos com o corpo e movimento, pois a sua função é de grande autoridade pelo fato da relação com o aluno ser “corpo a corpo”.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Vladimir Zamorano; MELO, Victor Andrade. Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Rio de Janeiro, p.1-8, set. 2013.

AMARAL, Ananda Veras de; DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. **Licere**, Rio de Janeiro, p.1-22, 22 nov. 2008.

ANDRADE, Diego M. **Remando para o Sucesso**. 2007. Artigo Científico. Pós-Graduação em Gestão e Treinamento em Surf – Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Florianópolis: 2007.

ARAÑA, F.; ÁRIAS, A História do Surf em Santos. **Caderno Semes** - Secretaria Municipal de Esportes, Santos, 1996.

ARDIO NETO, Mario; WENDHAUSEN, Monica. **A prática do surfe e sua influência no desenvolvimento infanto-juvenil**. 2006. Artigo Científico. Pós-Graduação em Gestão e Treinamento em Surf – Instituto Catarinense de Pós-Graduação, Florianópolis: 2006.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física Uem**, Maringá, v. 20, n. 2, p.281-289, 2009.

BERNARDO, Carlos Alberto. **Origem e Evolução do Surf em Florianópolis**. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina.

BETTI, Mauro. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.13, n.2, p.282-7, 1992.

BORGES Máurio; RUY, Basílio B. **Revista Surf Guia Brasil: Região Sul, Resgate**, v1, 2000.

BRANCO, Renata. **Neoprene**. Disponível em: <<http://www.manutencaoesuprimentos.com.br/conteudo/2780-propriedades-da-borracha-sintetica-neoprene/>>. Acesso em nov de 2016.

BRASIL, Vinicius Zeilmann; RAMOS, Valmor; GODA, Ciro. A produção científica sobre surf: uma análise a partir das publicações entre 2000-2011. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p.619-955, set. 2013.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>Acesso em mai de 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Mais Cultura nas Escolas**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/educacao-e-cultura> >. Acesso em mai de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico. **PCN + Ensino Médio – Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Secretaria de educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANOZZI, Felipe Bercht et al. Nova proposta de teste incremental de remada na avaliação aeróbia de surfistas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 29, p.361-369, set. 2015.

CERVO, Amado Luis; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.

COLL, Cesar; POZO, Juan Ignacio; SARABIA, Barnabé; VaLlS, Enric. **Os conteúdos na reforma: Ensino e Aprendizagem de Conceitos Procedimentos e Atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, André Justino dos Santos. **O espaço em escolas públicas municipais de Florianópolis e sua implicação nas escolhas curriculares de professores de Educação Física**. 2015. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol: metodologia do ensino**. 5. ed. rev., ampl. e melhorada. São Paulo: Brasipal, 1983.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p.61-80, mar. 2004.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física Na Escola: Realidade, Aspectos Legais e Possibilidades. DARIDO, Suraya Cristina (Org.). **Caderno de formação: formação de professores didática de conteúdo**. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012a.

DARIDO, Suraya Cristina. Visão Geral da Disciplina. DARIDO, Suraya Cristina. (org.). **Caderno de formação: formação de professores didática de conteúdo**. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza**: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História Comparada) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FAGUNDES, Léa da Cruz; ROSA, Marlusa Benedetti da. Conteúdos, conceituais, procedimentais e atitudinais em tempos de web currículo. **Revista e-Curriculum**, vol. 12, núm. 2, mai-out, 2014, pp. 1189-1211. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/20167>>. Acesso em jun de 2017.

FARIAS, S. F. **Surf**: conteúdos para a prática. Florianópolis: CDS/UFSC, 2000.

FATMA - Fundação do Meio Ambiente. Balneabilidade do Litoral catarinense. Relatório nº 26. Data: 02/06/2017. Disponível em:<http://www.fatma.sc.gov.br/laboratorio/relatorio_balneabilidade2.php?ficha=999>. Acesso em mai de 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRALDI-COSTA; Ana Clara; MURATA; Afonso Takao; ALMEIDA; Daiane Cristine. A prática do surfe como ferramenta para a educação ambiental: um estudo do projeto de contra turno escolar ondas do saber, matinhos, PR . **XI Congresso Nacional de Educação** – EDUCERE, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/11216_6562.pdf>. Acesso em abr de 2017.

GRÊ, J.R. & MEDEIROS, R. Os fenômenos naturais. **Surf Guia Brasil**, Florianópolis: Resgate, 2001.

GUTEMBERG, Alex. **A história do surf no Brasil**. São Paulo: Azul, 1989.

IEME Comunicações. **Projeto surfe na escola cresce em Matinhos**. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/880-2.pdf>>. Acesso em nov de 2016.

KAMPION, D.& BROWN, B. **Stoked, uma história da cultura do surf**. Los Angeles, Evergreen, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LORCH, Carlos K. **Deslizando sobre as ondas**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.

MAGILL, Richard. **Aprendizagem Motora**: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MARINHO, Alcyane; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Educação física, meio ambiente e aventura um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p.55-70, maio 2007.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? **Revista de Educação Física Uem, Maringá**, v. 11, n. 1, p.107-117, 2000. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3805/2617>> Acesso em mai de 2017.

MARTINS, Giorgia Enae. **Surf e educação**: o conceito de mídia-educação em uma proposta pedagógica com o surf. IX Semana da Educação Física e Mostra Acadêmica Centro de Desportos – Educação Física/UFSC 2008. Disponível em: <http://www.fluxexperiences.com.br/wp-content/uploads/2010/08/surf-e-educacao.pdf>>. Acesso em: em abr de 2017.

MELO NETO, Francisco Paulo. **Marketing Esportivo**. Rio de Janeiro, Record, 1995.

MENEZES FILHO, Feliciano S.; MORENO, Rodrigo M. **Surfe na escola**: características de ensino da modalidade. Disponível em: <<http://www.portaledfisica.com.br/>>. Acesso em: nov de 2016.

NUNES Jr, Nelson; SHIGUNOV, Viktor. **Surf**: a influência dos povos ameríndios no desenvolvimento da modalidade. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conece/3conece/paper/viewFile/2211/953>>. Acesso em out de 2016.

ONDAS. **Segurança no surf**. Disponível em: <<http://www.litoralnorte.com.br/ondas/seguranca.htm>>. Acesso em: nov de 2016.

PELLEGRINI, Renato Miranda. **Mobilização e preservação**. Disponível em: <<http://guia.waves.com.br/surf/noticias/variedadesambiente/surf-e-sustentabilidade/mobilizacao-e-preservacao>>. Acesso em: nov de 2016.

PIZANI, Juliana. **A formação inicial em educação física no estado do Paraná e o perfil dos cursos de licenciatura e bacharelado**. 2011. 185 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

POZO, Juan Inácio; CRESPO, Miguel Ángel Gomez. **Aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinicius Zeilmann; GODA, Ciro. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Revista de Educação Física UEM**, Maringá, v. 23, n. 3, p.431-442, 25 set. 2012.

ROCHA, Liana Lima. **Surfando para a vida**: uma experiência educativa que vai além das ondas, na cidade de Fortaleza. Disponível em:

<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conece/3conece/paper/viewFile/2348/962>>. Acesso em abr de 2017.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Aislan Pontes dos. **O surf enquanto conteúdo da educação física nas escolas litorâneas de Maceió**. Disponível em: <http://www.fluxexperiences.com.br/wp-content/uploads/gravity_forms/5-412930f9cca91ba3141e7ac95d523e7c/2013/10/Artigo-Aislan1.pdf>. Acesso em abr de 2017.

SARLI, Carlos. Thomas, 84, o primeiro surfista do Brasil. São Paulo, **Jornal Folha de São Paulo**, 07 de outubro de 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0710200117.htm>>. Acesso em out de 2016.

SILVA, Manuel Rui da Costa e. **Contributo para uma sistematização das habilidades básicas na iniciação ao Surf**. Porto: FADEUP, 2000.

SOUZA, Thiago Ferrão de. **Regulamentação e Desenvolvimento das Escolas de Surfe no Brasil**. 2003. Monografia (Bacharelado em Educação Física) - Universidade de São Paulo.

STOTZ, Humberto Pisani Navarro. **A indústria de equipamentos para a prática do surf e da moda surfwear em Santa Catarina**. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2010.

SURFER'S GYM. **Os benefícios do surf que vão te convencer a começar agora**. Disponível em: <<http://www.surfersgym.com/blog/os-beneficios-do-surf-para-o-corpo/>>. Acesso em out de 2016.

TREVISAN, Sanderson. **Motivação Das Crianças Da Rede Municipal De Ensino De Matinhos Pela Escolha Do Projeto “Ondas Do Saber Surf Escola”**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso em Gestão Desportiva e do Lazer – Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Matinhos-PR.

VAZ, Alexandre Fernandez; PETERS, Leila; LOSSO, Cristina Doneda. Identidade cultural e infância em uma experiência curricular integrada a partir do resgate das brincadeiras açorianas. **Revista da Educação Física/UEM**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p.71-77, 15 abr. 2002. Trimestral.

VIVO MAIS Saudável. **Surf desenvolve equilíbrio e coordenação motora**. Disponível em: <<http://vivomaissaudavel.com.br/atividade-fisica/esporte/surf-desenvolve-equilibrio-e-coordenacao-motora/>>. Acesso em: nov de 2016.

ZABALA, Antoni. A função social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In: **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZENI, Alexandre Lima. **Caracterização das capacidades físicas do surf e fundamentos para a prática**. 2002. Monografia (Curso de Bacharelado em esporte) – Escola de educação física e esporte, Departamento de esporte, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.